



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**PPGEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ENCRESPANDO: O CABELO DA MULHER NEGRA E SUAS
HISTÓRIAS NO COTIDIANO**

Juliana Ribeiro

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho

Nova Iguaçu

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PPGEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

Juliana Ribeiro

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários à obtenção de **Título de Mestre** pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho

Nova Iguaçu

2016

305.486996

R484e

T

Ribeiro, Juliana, 1988-

Encrespando: o cabelo da mulher negra e suas histórias no cotidiano / Juliana Ribeiro - 2016.

102 f.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Bibliografia: f. 92-94.

1. Negras - Identidade racial - Teses.
2. Penteados afro - Teses. 3. Beleza física (Estética) - Teses. 4. Racismo - Teses. 5. Sexismo - Teses. 6. Dialogismo (Análise literária) - Teses. 7. Narrativa (Retórica) - Teses. I. Carvalho, Carlos Roberto de, 1950-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares (PPGEduc)

JULIANA RIBEIRO

**“ENCRESPANDO: o cabelo da mulher negra e suas
histórias no cotidiano”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Diversidades Étnico-Raciais

Dissertação aprovada em 23/02/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho - UFRRJ (Orientador)

Profª. Drª. Flávia Miller Naethe Motta - UFRRJ

Prof. Dr. José Carlos Teixeira Júnior - FAETEC

Nova Iguaçu (RJ)
Fevereiro/2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que procuram, cotidianamente, se entender com seus cabelos crespos e com tudo que a vida espera deles e delas.

AGRADECIMENTOS

“Devemos, antes de qualquer coisa, agradecer sempre.”, eu aprendi com meus pais Cristiane e Celso desde quando eu era criança. Ainda ouço esses ensinamentos ecoando nas vozes de Pretos e Pretas Velhas, amigos e protetores incansáveis, que sentados em banquinhos brancos, com seus cachimbos nas mãos, me ensinam sobre amor ao próximo e gratidão.

Por isso, antes que este trabalho ganhe novos caminhos, preciso agradecer à Zambi e à Oxalá pela oportunidade de ser, nesta vida, mulher, negra, brasileira, suburbana, pedagoga, e assim aprender com todos os desafios que este meu lugar no mundo me impõe.

Agradeço aos meus Guias de Luz que me fortalecem e impulsionam toda vez que o caminho parece duro demais, pois os desafios acima citados são cotidianos, intensos, e até os meus poucos vinte e sete anos não me deram indícios de que vão cessar. Por isso a necessidade deste trabalho.

Aos meus amados pais, eu agradeço e abraço e amo. Mãe Cristiane e Pai Celso, muito obrigada pelo amor e paciência que vocês sempre tiveram em me ensinar a ver e a entender o mundo da maneira que assim eu faço hoje: com dignidade, com bravura, com humildade e com respeito (às raízes e ao próximo).

Meus irmãos Amílcar, Pedro e Joana, pessoas iluminadas, eu agradeço pelo convívio alegre e amoroso, e por me ensinarem ainda que não tivessem a intenção, a dividir com *o outro* aquilo que eu tenho de mais precioso dentro de mim, o amor.

Obrigada ao meu querido marido João Vitor, pelo olhar carinhoso, pelo colo silencioso e pelas palavras convictas de que eu conseguiria alcançar mais este objetivo apesar do estresse, do cansaço, do tempo corrido que precisava ser dividido com os grupos de pesquisa, com as entrevistas, com os dias de leitura e escrita intensa. Eu te amo.

Obrigada ao Beto, este grande guru intelectual, amigo, amoroso e atencioso. Obrigada por acreditar em mim desde a primeira vez que conversamos, obrigada por me ensinar a poetizar a vida, e a mostrar para o mundo que desta maneira ela é mais bonita e mais leve de ser vivida. A vida não é mais fácil quando está representada em um

teatro, em um quadro, em um livro, em uma música ou poesia, nós é que nos tornamos menos petrificados. Obrigada pela sua alegria.

Agradeço à minha amiga e irmã Claudinha, por me ensinar na prática que o riso transformador funciona. Obrigada pelas conversas, risadas, leituras, choros, aventuras, e por todo aprendizado que eles marcaram em mim.

Obrigada aos amigos de pesquisa dos grupos Cultura e Identidades no Cotidiano, e Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Linguagem e Diferença.

Por fim, agradeço à todas as mulheres negras que me invadiram com suas vozes desde quando eu pisei nesse mundo. Avós, tias, professoras, amigas, trocadoras, cabeleireiras, bancárias, atrizes, cantoras, pintoras, escritoras, enfim Malinas, Lorenas, Ludmillas e Lygias.

Muito obrigada!

RESUMO

RIBEIRO, Juliana. **Encrespando: o cabelo da mulher negra e suas histórias no cotidiano.** 2016. P. 102. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, Brasil, 2016.

No presente estudo contamos a história de quatro mulheres negras e o protagonismo dos seus cabelos crespos no cotidiano das suas vidas. Tais histórias trazem à tona situações de racismo, sexismo, bem como a busca pela compreensão de si e de mundo pelas quais a maioria das mulheres negras enfrenta durante algumas etapas pontuais no relacionamento com seus fios: infância, transição capilar, e empoderamento dos fios crespos. Para dialogarmos com tais tramas (ou dramas) nos alicerçamos em Gomes, Bakhtin, Bhabha, Fanon, Certeau, Adichie entre outros autores que contribuíram significativamente para a pesquisa ética e estética materializada neste trabalho. A metodologia foi pensada sob as indicações de escuta atenta e amorosidade sugeridas por Bakhtin. Este mesmo autor nos orientou quanto ao acabamento estético literário abrangedor e ao mesmo tempo revelador das tensões presentes na diversidade da vida cotidiana.

Palavras-chave: mulheres negras – cabelos crespos – narrativas – estética – dialogismo

ABSTRACT

RIBEIRO, Juliana. **Curling: the hair of black women and their stories in everyday life**. 2016. P. 102. Master (Master of Education, Contemporary Contexts and Popular Demand). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, Brazil, 2016.

In this present study we tell the story of four black ladies whose curly hair is a protagonist on their daily lives. Such stories bring to light situations of racism, sexism, as well as the search for self and world understanding which most black women go through during their relationship with their hair strings: childhood, capillary transition and empowerment of the curly hair strings. In order to interact with such plots (or drama) we use as basis Gomes, Bakhtin, Bhabha, Fanon, Certeau, Adichie, among other writers that contributed significantly for the ethical and aesthetic research materialized in this work. The methodology has been created under the indications of attentive hearing and lovingness proposed by Bakhtin. This author has guided us regarding the abrangent literary aesthetic finishing and at the same time revealer of the tensions present in the diversity of daily life.

Key-words: black women - curly hair - narratives - aesthetic - dialogism

SUMÁRIO		PAGINAS
HISTÓRIAS EMBOLADAS DIFÍCEIS DE DESEMBARAÇAR.....		9
BUSCANDO INSPIRAÇÕES		28
ENCRESPANDO.....		34
1 CONVERSAS NASCIDAS, TRANÇADAS, ALISADAS, CORTADAS, ENCRESPADAS.....		37
2 CABELO MALINA.....		49
3 O ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS E PERFUMES.....		59
4 CABELO DE LORENA.....		61
5 CABELO DE LUDMILLA.....		69
6 CABELO DE LYGIA.....		78
7 REPARADOR DE PONTAS.....		85
8 COMO ESSA DISSERTAÇÃO FOI ESCRITA.....		88
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		92
ANEXO I.....		95
ANEXO II.....		97
ANEXO III.....		101

HISTÓRIAS EMBOLADAS DIFÍCEIS DE DESEMBARAÇAR

“Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?”

Uma menina negra, mas não uma menina negra qualquer. A única menina negra da turma 103 da escola *de bacana* que existia lá em Bangu. Magrela, cabelo embaraçado, cotovelos russos e pernas com pequenos machucados, minha aparência logo me entregava: eu gostava era mesmo de subir em muro, brincar de lateiro, pique bandeirinha, e quando o corpo cansasse, ouvir história. Não gostava do meu cabelo.

Não fui uma criança difícil, não era chorona e nem egoísta. Defendia minhas certezas até o fim, tinha opinião forte, não aceitava conversa para boi dormir, mas eu tinha meu ponto fraco, todo mundo tem o seu.

Eu não gostava de pentear meu cabelo. Aliás, eu não gostava do meu cabelo cortado bem curtinho, sem formato e sem feminilidade. Eu tentava usar tiaras, mas elas me apertavam. Além das tiaras dolorosas, não tinha mais nada para colocar no cabelo e minha mãe não sabia penteá-lo.

Por isso, sempre despenteada, “nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?” era a frase que eu era obrigada a ouvir, quase todos os dias, dos meus coleguinhas racistas. Havia outros tipos de palavras depreciativas que me agrediam quanto a minha cor de pele e o tipo do meu cabelo, mas dentre os ataques diários, ouvir essa frase era o que mais me perturbava, porque para mim, e arrisco dizer, para muitas outras mulheres, o cabelo sempre esteve intimamente ligado com a compreensão de quem somos. Eu não queria ser algo ruim, impossível.

Sobre a minha história com meu cabelo, eu poderia dizer que ela sempre foi cheia de altos e baixos, amor e ódio, surpresas e rotinas como qualquer outra história comum. Continuação inédita e irrepetível de outras histórias anteriores, que nas suas texturas diversas, por vezes foram também submetidas às agressividades embranquecedoras, tomando rumos diferentes, obrigando-se a encrespar-se ou alisar-se, mas sempre seguindo em frente e se entrecruzando no enredo que envolve o cabelo das mulheres negras aqui no Brasil.

Minha história, por exemplo, poderia começar pela história do cabelo da minha mãe, que não é crespo como o meu, mas também não é liso como sempre disseram que deveria ser. Ela conta que na sua infância vivia submetida a tratamentos naturais para

alisar os fios, o que só piorava a sua condição de menina negra discriminada, pois eles eram à base de ovo e fediam quando ela suava ao brincar com as outras crianças. Na fase da juventude, ela chegou a usar ferro quente e a não frequentar a praia para que mais uma vez os fios ficassem impecavelmente sempre alisados. Diante de alguns relatos que de vez em quando ela deixa escapar, eu arrisco dizer que minha mãe só foi mesmo conhecer a textura livre de químicas transformadoras dos seus cabelos depois de adulta, e ainda assim ela continua alisando-os.

Posso também dizer que minha mãe não sabe cuidar de cabelos crespos porque nunca foi ensinado a ela sobre como cuidar dos seus. Consequentemente este nó foi parar na minha história, pois ela também não sabia cuidar dos meus fios ainda mais crespos. Então, por muito tempo da minha infância, minha mãe optou por manter os meus cabelos com cortes práticos para facilitar o drástico momento de pentear (que eu odiava porque doía muito).

A minha história com os meus cabelos também poderia começar junto com o início da história de um dos processos mais dolorosos na formação da sociedade brasileira atual, a escravidão. É Nilma Lino Gomes¹ que me possibilita através do seu trabalho identificar o papel da dupla cabelo & racismo neste processo e olhar para eles num desembaraçar mais profundo.

Gomes (2006) nos alerta quanto ao papel tenso e ambivalente que foi atribuído ao corpo e ao cabelo negro na construção do *ser negro* em nosso país. A autora nos mostra que da mesma maneira que em boa parte da história esses ícones serviram ao fortalecimento da inferiorização do negro através do racismo, numa perspectiva mais recente, os mesmos ícones têm servido à afirmação positiva do negro quando inseridos na produção de uma *beleza negra*.

Segundo a autora, a hierarquização dos sujeitos produzida pelo racismo, na qual os brancos estão no polo do poder e os negros no polo da subalternização, é construída e sustentada por práticas culturais, sociais, políticas, e no Brasil especialmente, por práticas estéticas. Práticas estas presentes na simbologia do corpo e do cabelo.

São várias as narrativas que podem exemplificar tal fato, desde as raspagens dos cabelos dos escravos africanos como primeira prática de soterramento da sua identidade

¹Atual Ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos Pedagoga, mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra.

(assassinando assim identificações de posição social em África, embelezamento, feminilidade, dignidade), até as ideias ainda hoje enraizadas na nossa sociedade, como por exemplo, a ideia de que cabelo crespo é cabelo ruim.

Ainda em Gomes (2006), podemos compreender que uma das consequências dessa violência contra o corpo negro é a separação antagônica e ao mesmo tempo conflituosa entre um padrão ideal de beleza (europeu: branco de cabelos lisos; e que por isso nunca será alcançado) e um padrão real de beleza (que remete as raízes africanas: negro de cabelos crespos; que precisa ser problematizado, ressignificado, valorizado).

Nesta tensão padrão ideal *versus* padrão real de beleza, também outra história se torna parte da minha história, que mais acima eu contava.

Além da minha mãe não saber manipular cabelos crespos como o meu, além de eu já carregar todo simbolismo de inferioridade produzido historicamente sobre o meu cabelo, na minha infância não existia nenhuma referência positiva sobre o padrão real de beleza que era o meu.

Na televisão, nos brinquedos e nas literaturas infantis, o que predominava era o padrão ideal protagonizado por Xuxa, Barbie e inúmeros contos de fadas com príncipes e princesas muito loiros, com a pele muito clara e bochechas rosadas. Eu me lembro de ter uma toalha de banho preferida em casa, a toalha amarela. Com ela eu brincava sempre de enrolar na cabeça e fingir longas madeixas loiras...

Todas essas histórias se cruzavam nos meus ouvidos e pensamentos quando “nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?” soava na sala de aula.

Lembro-me ainda de ficar mesmo pensando qual seria o pente que iria me pentear um dia e não me fizesse sofrer, por isso quanto mais meus colegas insistiam nisso, mais instaurada estava a crise.

Na adolescência, com o olhar crítico e rebelde (mais rebelde do que crítico), eu tomei certa aversão à música de David Nasser e Rubens Soares, sucesso no carnaval de 1942. Porém, felizmente “Nega do cabelo duro” foi e ainda tem sido interpretada por muitos outros artistas, por muitas vozes, refletindo e refratando muitos contextos histórico-sociais.

Recentemente a maravilhosa Elza Soares e o talentoso rapper Emicida regravam a canção de forma completamente diferente de todas que até então eu havia ouvido. A regravação além de trazer um mix de “batidas” de rap e frases de funk como

“Daquele jeito!”², tem na sua potencialidade a voz de dois grandes ícones da cultura negra brasileira.

Elza, cantora de voz única e tocante, nascida na antiga favela de Moça Bonita em Padre Miguel³ teve uma vida marcada pelo sofrimento da extrema pobreza e da perda de vários entes queridos (mãe, maridos e filhos). Além disso, foi muitas vezes alvo de ataques da sociedade quando na década de 70 se apaixonou pelo craque de futebol Garrincha, e ele por ela, fazendo com que o mesmo desfizesse seu casamento para ficar assumir o romance com Elza. No entanto, foi na arte de cantar que encontrou sobrevivência e felicidade, o que até hoje com seus 85 anos demonstra em suas aparições⁴.

Emicida é um rapaz de 30 anos, protagonista importante do hip hop brasileiro, que tem utilizado sua fama para trazer à tona e problematizar situações de racismo e seus desdobramentos seja por suas músicas, entrevistas ou publicações nas redes sociais. O rapper traz na enunciação do seu nome artístico toda intencionalidade da sua produção. Leandro Roque da Silva, sempre venceu batalhas de improvisação de rimas, sendo chamado pelos seus amigos de “assassino dos adversários”, então, da contração das palavras MC e homicida, surgiu o apelido. Depois, o próprio rapper criou uma conotação de sigla para E.M.I.C.I.D.A (*Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte*).

Os dois artistas ao nos proporcionarem o *encontro* entre suas vozes – e por isso, de suas vidas - na regravação de “Nega do cabelo duro”, embalam a melodia com irreverência, paixão e empoderamento da mulher negra e seu cabelo⁵. Na voz de Elza “qual é o pente que te penteia” é convertido em “qual é o pente que me penteia” num tom de ousadia e desafio como quem diz: “Quem será capaz de me desafiar? De tocar no meu cabelo? Quem pode comigo?”. E Emicida, responde, em tom de contemplação e desejo:

² Frase de efeito, usada principalmente por Valesca Popozuda no refrão “*Eu vou pro baile de sainha (Daquele jeito!)*”, representando potencialidade feminina e impacto positivo sobre a sociedade.

³ Hoje conhecida como Vila do Vintém ou Vila Vintém.

⁴ Recentemente, Elza lançou de forma inédita um álbum com faixas de sua autoria intitulada “A mulher do fim do mundo” o qual contém letras que envolvem assuntos como racismo, violência contra as mulheres e amor.

⁵ É preciso ouvir a versão disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pdWWLJGyBOK>>.

“Eu fico olhando que **essa nega dá futuro**.
 Olho de longe a nega do cabelo duro.
 Passeando na praia ali junto com o Sol, **imagina besuntada no Sundown...**
 Qual que é o pente que penteia?
 Qual que é o pente que penteia enquanto o mar mareia?
Linda como a Lua cheia eu fico só pensando qual que é pente que te penteia?”(improviso de Emicida, Nega do Cabelo Duro, Emicida e Elza Soares – grifos meus)

Como é bom ser negra (do cabelo duro) na voz desses dois.

A partir dessa produção, que impregna de sentido positivo a expressão, a minha história foi atravessada, afetada, alargada pela história de Elza e Emicida, e eu passei a querer ser a “nega do cabelo duro”.

Esse encontro entre os dois artistas negros também marcou o encontro entre eu e meus cabelos livres de químicas transformadoras. A música chegou a mim, num momento de *transição capilar*⁶, dando-me força e empoderamento para continuar por um caminho não muito fácil.

Sobre o afetamento que sofremos quando nosso mundo se encontra com outros mundos: ele não pode ser previsto.

Se o afetar-se é consequência da alteridade (PONZIO, 2008) sempre presente no encontro com o outro, na linearidade horizontal a qual está imposta a nossa existência atual, poderíamos dizer que ele é futuro do que acontece no presente, e que por isso já impõe a este último a condição de passado. Nessas condições, temos a – péssima – moderna mania de querer prevê-lo. Produzimos presentes que rapidamente se tornam em passado, porque somos ansiosos com um futuro, achando que estamos em um simples jogo de causa e consequência, esquecendo que nós, os jogadores, somos pessoas de verdade. A alteridade, desdobramento do encontro, não pode ser um futuro previsto, conforme mais adiante dialogaremos com Passos (2014).

Macedo escreveu que “Se o futuro torna inevitável o passado, o passado antes de saber que o é, não se compadece com tais determinismos históricos e pode ser apenas uma questão de mau feitio” (MACEDO, 1999, p. 21). Em outras palavras, eu diria que é preciso prolongar o tempo que chamamos de presente antes que o obriguemos a virar

⁶ *Transição capilar* é o termo usado para o período em que as mulheres (e às vezes até homens) passam durante o abandono do uso de químicas nos cabelos para a aceitação do mesmo natural. Normalmente não é um momento fácil para as mulheres, pois é quando precisamos nos aceitar como realmente somos (muitas vezes isto é um enorme surpresa), aprender a cuidar dos cabelos como eles são (e o fato de nunca ter tido eles naturais implica em não fazer a mínima ideia de como fazer isso), e ainda lidar com o preconceito na família, com o namorado, no trabalho, etc.

passado determinado, isto é, dar chance para que encontros e afetamentos ocorram quantas vezes forem necessários, e assim desarrumem nossas previsões. O mundo não precisa continuar inferiorizando mulheres negras. Mas como fazer isto?

É preciso perceber o mundo por outras vozes.

Boaventura Sousa Santos (2008), pontua este mesmo problema de encurtamento do presente e conseqüentemente de suas experiências em seus textos “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” e “Para além do pensamento abissal” (2010). Embora os dois escritos sejam diferentes entre si, ambos nos sinalizam os problemas causados por essa maneira colonizadora de perceber o mundo. Para o autor, os processos de colonização deram início a uma era de silenciamento e esquecimento de muitas experiências em detrimento do enaltecimento enquanto verdade de algumas outras poucas experiências do mesmo mundo.

Este processo, segundo Santos (2010), se estendeu por vários âmbitos das sociedades colonizadas, estando presente nas nossas vidas até hoje: na educação, na economia, na lei até mesmo nos padrões de beleza.

Apesar desta notória problemática, Gomes (2008) nos escreve quanto à necessidade de estar alerta sobre a importância de se pensar este silenciamento e seus ícones identitários (que segundo a nossa compreensão em Bakhtin também podem ser entendidos como signos ideológicos), em seus contextos sócio-históricos, possíveis de ressignificações e abrigo também de enunciações positivas e de resistência.

É justamente a condição do corpo e cabelo como forma de linguagem (de enunciação), que os torna possíveis de produzir, reproduzir e/ou modificar a realidade (BAKHTIN, 1992), o que também faz deles completamente maleáveis pelas ações/enunciações do homem. O mesmo homem que produz e reproduz a linguagem e suas ideologias, é aquele que se impregna delas para viver. Por isso, os processos de subalternização não devem ser vistos como dados, prontos, pois se são linguagem, são inacabamento, interferência, encontro, confronto. Nunca foram aceitos pacificamente, e por isso, mesmo diante de tanta violência e tentativas de imposição, é também no cabelo que nós temos encontrado lugar para inventar nossas *táticas* de sobrevivência (CERTEAU, 1994).

Podemos pensar essa dialógica entre opressão e resistência, ou estratégias de poder e *táticas de sobrevivência* em torno do cabelo negro sob a mesma ótica pela qual Certeau olhou o cotidiano em “A invenção do Cotidiano 2: Artes do Fazer” (1994).

Segundo o autor, as estratégias são práticas elaboradas e instituídas que agem sempre com o intuito de manter verticalmente as relações de poder. Seu lugar é isolado do todo, é um lugar *próprio*, hegemônico intocável. As estratégias instauram o lugar único (produzido como desejável, modelo) no meio da pluralidade, ou nas palavras de Certeau “um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro” (1994, p. 93).

Em coexistência às *estratégias*, estão as *táticas* (CERTEAU, 1994). São ações feitas no momento em que é necessário realizá-las, onde há brecha na estratégia, onde os “fracos” encontram nas forças de poder um lugar para agir.

A materialização da ambivalência entre essas duas práticas está, por exemplo, no mercado de cosméticos para cabelos femininos.

Quantos deles em seus anúncios se direcionam unicamente para mulheres brancas e quantos deles para as negras? As suas finalidades, por exemplo, quantas são os para cabelos lisos e sedosos, e quantas delas se destinam a cabelos cacheados ou crespos e ressecados? Poderíamos apontar as respostas – óbvias - para estas perguntas como indicadores das práticas de *estratégia*, uma vez que há um grupo de poder (neste caso econômico principalmente) empenhado na manutenção e perpetuação do enaltecimento de um só grupo, que não é o das negras.

Em contrapartida, recentemente um grande movimento pró-cabelos crespos, livres de químicas transformadoras de suas estruturas tem ganhado força nas redes sociais (com grupos específicos de colaboração para cuidados cabelos crespos e/ou cacheados), em blogs, em movimentos sociais (como a Marcha do Orgulho Crespo realizada em São Paulo neste ano) e em rodas de conversas cotidianas. E eis aí *táticas* eficazes.

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (Certeau, 2012, p. 46,47.)

Temos à vista então, enunciações diversas que nos alertam, nos afetam e por isso nos impulsionam a querer dialogar com elas também na ciência para alargarmos mais os espaços e as consciências onde o cabelo da mulher negra ainda é subvisto. Assim, procurei construir pontes de diálogos entre autores, atores e suas narrativas (ou

histórias) de forma a orientar nossos olhares na pesquisa acreditando que a superação do silenciamento só é possível a partir do momento em que práticas de subalternização sejam substituídas por práticas de pluralidade de existências.

Para isto, penso que é preciso estarmos dispostos a perceber a vida e as histórias que nela se embarçam sob uma disponibilidade mais ampla, amorosa e por isso alargadora (MELLO, MIOTELLO, 2013).

Eu ressaltaria três fatores que podem ser grandes exercícios para que a nossa percepção diante da vida seja alargada. O primeiro diz respeito a possibilitar que as pessoas contem as suas próprias histórias, o segundo que em boa parte é consequência do primeiro, é o exercício de ser cauteloso para não cair no “perigo das histórias únicas” (ADICHIE, 2007) e assim se restringir a uma única leitura de mundo, e o terceiro é a possibilidade de encontrarmos sentido para a vida através do olhar proporcionado pela arte, como possibilidade de encontro de vozes, de realidades e de sentidos.

Ouvir outras vozes

Falar.

Ser ouvido.

Falar ou ser ouvido?

Eu pergunto à Fanon e à Bakhtin: o que me torna absolutamente existente para o outro? Para o mundo? Para a vida?

Bakhtin diz: Falar **E** ser ouvido. Pois não se separa enunciação de interlocução. Só enuncio se há auditório. O auditório é o “meu” outro, ele me interpela, me invade, me obriga a falar com ele. Mas só existe se eu assim o fizer, e eu só existo se ele quiser me ouvir. Dar ouvidos já é dar uma resposta. Eu te ouço: você existe pra mim. Eu falo com você: eu existo para o mundo.

“Fala é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008).

Fanon diz: Se não há quem ouça, não há quem fale. Diz? Atenção a este negro antilhiano que nos alerta das armadilhas da linguagem, montando ele mesmo suas negras armadilhas para nós cairmos. Se não há quem ouça, não há quem fale, ou se não há quem fale não há quem ouça?

Preto no branco. Branco ou Preto. Branco E Preto.

Frantz Fanon grita para mim a sua máxima toda vez que eu tenho que falar sobre as mulheres negras, com as mulheres negras, para as mulheres negras. Sobre mim, comigo e para mim, também. No terreno ainda fofo das batidas dos pés incansáveis que dançam jongo, jogam capoeira, fazem samba, cantam macumba, e sobrevivem ele grita: “Falar é existir absolutamente para o outro” (2008, p.33), e nessa frase encontro *garfo ouriçador* para ouriçar ainda mais o encrespado dessa dissertação. Encontro razão pela qual o primeiro exercício é realmente relevante.

Ter acesso à história contada por uma das suas próprias participantes cria laços de proximidade e realidade mais intensos entre o narrador e o interlocutor que a ela tem acesso, proporcionando através dessa aproximação sensível, a sensação mais intensa de realidade e o *afertar-se* com o outro.

Mas isto pode não ser tão simples o quanto parece, principalmente quando quem fala tem, teve por muito tempo sua voz ignorada/não ouvida, como no caso das mulheres negras (as quais a pesquisa pretende dialogar) e tantos outros sujeitos subalternizados.

Fanon (2008) ressalta dentre os mecanismos de subalternização presentes nos processos de colonização, o mais cruel e eficaz: o uso hegemonizado da linguagem. Para o autor, é através da linguagem que se pode entender a existência do homem de cor nas sociedades colonizadas, porque a posse ou não de uma determinada língua significa fazer parte, ou não, *de uma cultura, de uma determinada civilização*. Significa também, acrescento, determinar quem é e quem não é civilizado, humano.

Assim, negar ao outro a oportunidade de ser ouvido, com a justificativa de que a sua fala não é compreensível, é negar a ele também a oportunidade de participar na/da vida, é tolher o sujeito das relações afetivas, econômicas, políticas, culturais e estéticas.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 1992) Bakhtin nos traz grandes elucidções sobre a função e a potência da linguagem na sociedade⁷.

⁷ Bakhtin faz uma análise referindo-se á sociedade capitalista a qual estamos inseridos atualmente, mas levando-se em consideração que a colocação das negras na base social e econômica é reflexo dos processos de colonização, nos permitimos este diálogo reflexivo sobre a linguagem transitando nestes dois contextos.

As bases de uma teoria marxista da criação ideológica – as dos estudos sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc. – estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem (BAKHTIN, 1992. p.29)

Por isso compreender quaisquer tipos de relações nos exige, antes de qualquer coisa, compreender a dinâmica da linguagem a partir da qual a vida é estruturada.

Segundo o autor, todo produto das relações – mediadas pela linguagem - entre as pessoas é dotado de sentido e significado e, portanto é ideológico. São os signos linguísticos, presentes na comunicação da vida cotidiana, os responsáveis por produzir e reproduzir, refletir ou refratar a realidade. Assim, as disputas pelo poder ideológico, se estruturam em princípio na briga na/pela linguagem, ou melhor, na briga pelos significados dos signos linguísticos.

A linguagem é vista por Bakhtin como uma arena de disputas ideológicas, e o fato de ser produzida constantemente pelos sujeitos na própria vida não a permite jamais estagnar. É sempre viva, em movimento. Bakhtin (1992) destaca a palavra como o principal signo ideológico da comunicação humana não pela sua pureza semiótica, mas sim por uma questão da sua ubiquidade social.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1992, P. 40)

A palavra enquanto signo serve sempre a duas faces (*dialética interna no signo*, BAKHTIN, 1992, pág. 46), carrega consigo valores hegemônicos e valores subalternos, que se evidenciam em suas tensões em tempos de crise, o que de maneira geral podemos compreender como momentos onde todos conseguem reivindicar seu direito sobre a palavra. Na arena ideológica, ou seja, na própria vida, enunciadores armados de seus signos (palavras, enunciações) brigam pela validade de suas verdades, e do resultado desta disputa discursos mais fortes ganham posto de realidade.

Falar é arma forte nesta disputa. Falar e ser ouvido.

Daí a importância de ter a chance de sermos enunciadores das nossas próprias palavras, das nossas próprias histórias. Que chance temos de disputar valores de sentido para nossas verdades, se nossas falas forem *não ouvidas*?

Quando as enunciações são ignoradas, também são ignorados tudo que elas carregam consigo. Logo, de que maneira senão nos permitindo ouvir tais outras vozes, será possível conhecer/reconhecer outras faces de uma história?

É claro que é impossível saber tudo sobre todas as experiências no mundo. A linguagem enunciada pelos homens, dinâmica e em constantes modificações (BAKHTIN, 1992), produz e reproduz, constrói e desconstrói verdades. Verdades são saberes livres.

É justamete o fato de poderem ser recontadas por inúmeras vozes, principalmente pelos seus protagonistas, que possibilita que as histórias estejam sempre em movimento, contextualização, ressignificação.

O que aconteceria se ouvíssemos das mulheres negras, suas próprias versões sobre o que é ser negra nos dias atuais? As histórias que estão embaraçadas com suas próprias histórias...

Ouvir outras histórias

Ignorar ou *não ouvir* as vozes das sujeitas⁸ e das suas histórias é o mesmo, e tão grave quanto, reduzi-las a uma única verdade quando contadas por uma única voz soberana. Para Chimamana Adichie (2007), agir dessa forma é o que produz “histórias únicas” e há um grande perigo nelas.

Histórias únicas são aquelas que focam somente um lado do acontecido, contado repetidamente, e que por isso acaba se tornando o único lado de determinado fato. Em uma palestra chamada “O perigo da história única” (TED, 2007), a escritora nigeriana conta sobre um menino chamado Fide que trabalhava em sua casa, e que a sua pobreza era uma recorrente justificativa que a mãe de Chimamana usava para chamar sua atenção quando ela deixava comida no prato: “termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?”. A autora conta que passou longos anos

⁸ A opção pelo termo sujeitas em detrimento do termo sujeitos é opção de escrita e assinatura deste trabalho, uma vez que ele é feito pelas/com e sobre mulheres negras.

com pena de Fide, até um dia visitar sua casa e descobrir um belo cesto que seu irmão havia produzido.

Na cabeça de Chimamana, orientada pela repetição da história única sobre aquela família pobre, eles nunca seriam capazes de produzir nada. Até que Chimamana conheceu o outro lado da história da família de Fide (através de um cesto de palha).

Faço aqui uma pausa para umidificar e passar mais um pouco de creme: Este trabalho se desenvolve no campo da linguagem, linguagem impregnada de posicionamento ético, presente no acabamento estético. Para mim, “cesto de palha” é chave crucial na narrativa de Chimamana, pontuando a arte como material de extremo potencial no conhecimento de outras histórias, no conhecimento dos sujeitos. Mais do que isto, fica também claro para mim que o conhecimento de outra versão de uma história única não dependeu para Chimamana da fala de Fide ou sua família, mas sobretudo da sua disponibilidade, olhar atento e sensibilidade para compreender o outro lado. Por isso, a compreensão de outras histórias é resultado de um movimento de mão dupla (fala e escuta).

Continuando a desembaraçar...

Na minha cabeça ser “nega do cabelo duro” era muito ruim, até ouvir um outro lado da história pela voz de quem é autoridade do assunto (Elza).

Assim, o cuidado para não sermos cegados ou ensurdecidos pelas perigosas histórias únicas se dá no exercício de estarmos atentos a ouvir outras vozes e dispostos a conhecer outras histórias. Pois:

Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar (...). Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (Chimamanda, TED, 2007)

Neste sentido, ouvir outras vozes subentende o ato de ouvir outras histórias, pois toda voz carrega sua história, suas marcas, suas experiências. O cuidado para não nos perdemos nos perigos das “histórias únicas”, está no exercício de nos dispormos a ouvir outras versões, encontrar com elas.

Enveredar por esse caminho quando se pretende pesquisar em ciências humanas não é tarefa tão fácil quanto parece.

Fanon, mais uma vez, no alerta:

Há um drama no que convencionou-se chamar de ciências humanas. Devemos postular uma realidade humana típica e descrever as suas modalidades psíquicas, levando em consideração apenas a ocorrência de imperfeições; ou, ao contrário, devemos tentar sem descanso uma compreensão concreta e nova do homem *mulher?* (FANON, 2008, p. 37, *rasura minha*).

O que devemos fazer? O que queremos fazer?

Este drama está em todos os cantos os quais quem se aventura a pesquisar – em educação – ouse olhar. Durante um semestre inteiro, inúmeras vezes, em disciplinas diferentes, fui interrogada sobre como pretendia pesquisar. Nem sempre as conversas eram em tons amigáveis e mesmo aqueles alguns poucos que traziam sugestões metodológicas os faziam em tom de pena “vou te ajudar querida porque você não sabe sobre metodologias.”.

“Quantitativa ou qualitativa? Questionário? Grupo focal? Etnografia? Testagens? Análise de dados?”

“Narrativas.” – Eu respondia.

“Narrativas? Por que narrativas?” – Insistentes!!

“Porque gosto de ouvir histórias.”

“Desculpe, mas gostar não é o suficiente.” – Sentenciosos!!

Será?

Participei de um diálogo desses uma vez, eu, obviamente, era a pessoa que respondia.

Gostar de ouvir histórias foi a melhor resposta que eu pude encontrar para aquele momento, ainda que eu soubesse que precisava de algo melhor fundamentado para o embate. Mas como todo encontro, dali também resultou afetamento, e foi por isso que eu busquei melhores explicações para provar que o sentimento despertado no ato de ouvir histórias é sim o suficiente, basta saber como ouvi-las.

Recorremos ao texto “*Metodologia das ciências humanas*”, mais uma vez em Bakhtin (2003), e voltamos um pouquinho no drama citado por Fanon para aí sim provarmos (já que fazem tanta questão disto) que é possível produzir conhecimento ouvindo história.

Em primeiro lugar Bakhtin logo nos situa: a pesquisa em ciências humanas impõe em si uma enorme diferenciação de qualquer outro tipo de pesquisa, ela não é o conhecimento da coisa, é o conhecimento do indivíduo, de gente, de centros de valor.

O vão entre pesquisar coisas e pesquisar sujeitos se coloca porque neste último

Há um núcleo de interior que não pode ser absorvido, consumido, em que sempre se conserva uma certa distância em relação a qual só é possível o puro desinteresse* (*Leia-se “ausência de procedimento interesseiro egoísta”. N. do T)” (Bakhtin, 2003, p.394)

Assim, métodos neutros jamais serão completamente eficazes, pois quando se trata de conhecer o outro (sujeito) está em jogo o sentimento doado e recebido, “a ideia de Deus em presença de Deus, o diálogo, a interrogação, a prece” (BAKHTIN, 2003, p. 394). Na busca pela compreensão de sentidos presentes/produzidos pelo o outro é impossível a aplicação de instrumentos os quais o pesquisador faça a pergunta a si mesmo, ou converse com um terceiro na presença do sujeito em questão sobre ele mesmo. Isto seria cometer o erro que estamos tentando não cometer, o erro de conhecer apenas uma voz, o erro de conhecer apenas uma história.

Nosso “objeto” são pessoas livres para pensar, sentir e agir. Pessoas palcos de muitas vozes, palcos do encontro entre muitas experiências, e que por isso nunca coincidirão consigo mesmas, quiçá com as histórias sobre elas contadas por outros.

Não devemos confundir a liberdade do “ser que se auto-revela não pode ser tolhido” (BAKHTIN, 2003,p. 396) com o relativismo acerca do que ele é, do que ele pensa e do que ele produz. Há uma maneira de compreender esta liberdade, e a melhor forma de fazê-la, segundo Bakhtin, é comungar dela.

Nas minhas palavras, isto significa nos permitir estar na pesquisa como sujeitos também livres, à disposição de encontrarmos nossa maneira de fazê-la e, para isto, atentos às pistas que o outro tem para nos dar.

Sobre a liberdade do método, em grupo, em círculo e em constante diálogo durante as orientações coletivas, nós também optamos pela liberdade. A liberdade de escolha do sujeito pesquisador é o critério e o próprio sentido da pesquisa. A liberdade é o jeito que cada pesquisador encontra para *fabricar com e partir de*: (...)Traçar o caminho será, em última instância, traçar o perfil do próprio pesquisador/a, o modo como ele/ela procedeu durante sua pesquisa. Dessa decisão surge o seu retato, não do

autor-homem da vida que reage ética e emocionalmente, mas do autor que busca uma resposta estética, criativa e razoável a partir de sua ausculta sensível (O outro no caminho)

Por isso, calejada de ser narrada por pessoas cismadas em fazer o mundo engolir verdades absolutas sobre o próprio mundo, ser apenas o autor-homem não é a voz que desejo assumir nesta pesquisa. A intenção e o esforço para que ela se concretize, é a de produzir *com* os sujeitos da pesquisa um trabalho que potencialize suas vozes, suas verdades, enfim, suas histórias. Sem a pretensão de chegar a uma única verdade (porque ela não existe), e nem de produzir um conhecimento (único) sobre o outro, o desejo é de fazer desta escrita um lugar de encontro entre eu, os sujeitos pesquisados, os leitores e o mundo. Na minha suada humildade, interrogo-me: “quem sou eu para alcançar isto?”. Não sei, e por isso procuro falar menos e ouvir mais. Minha avó já me deixava com a pulga (duas) atrás da orelha quando eu era criança: “você já parou para pensar Juliana, por que temos duas orelhas e uma boca?”.

Por isso escolho ouvir, e quando me couber, então também falar.

Para ouvir – a mim mesma, a pesquisa, às sujeitas e ao que emergir – me proponho ao *encontro* como mais uma opção na maneira de pesquisar. Encontro que segundo Mailsa Passos em *Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação* (2014), é o momento em que “laços e alianças se estabelecem, práticas e saberes produzidos como não existência – junto com seus praticantes – emergem.”.

Tal prática não pode ser confundida com a ação apaziguadora “harmoniosa, idealizada ou falsamente esvaziada de conflitos e tensões.”. Na diferenciação entre *to meet* e *to find* (tradução ambivalente da palavra encontro para a língua inglesa), Passos opta pelo *to find*, ou seja, “encontrar algo que não havia, que está sendo descoberto a partir de uma procura, de uma busca do que não existia.”. Nós também ficamos com a busca por algo que ainda não existe para nós, em nós.

Podemos acrescentar à dimensão do *encontro*, que o mesmo está tão presente nas relações sociais quanto o fenômeno da linguagem, porque a alteridade que nele se evidencia é também o que possibilita a existência, a diferença entre eu e outro, aquilo que me completa e que eu completo nele. Exemplo disso é a expressão *bater de frente* presente na linguagem cotidiana do Rio de Janeiro, que denota encontrar-se e encarar-se.

Bater de frente é compreendido pelos seus praticantes como um momento de demonstrar o que cada um sabe sem precedentes do que pode acontecer, apenas suposições: “hoje eu to doida para bater de frente com ele”, “se bater de frente vai dar ruim”, “deixa bater de frente pra ver”. Ou como na música de Acyr Marques, Arlindo Cruz e Franco, interpretada pelo próprio Arlindo e por Leandro Sapucahy:

Numa cidade muito longe daqui – polícia e bandido⁹

Bateu de frente

O bandido e o subtenente lá do batalhão

Foi tiro de lá e de cá

Balas perdidas no ar

Até que o silêncio gritou

(...)

Bandido e polícia trocaram farpas

Farpas que mais pareciam balas

E bandido falou assim

(...)

É que além de você nós ainda enfrenta um outro

Comando outra facção

Só tem alemão sanguinário

Um bando de otário querendo zoar

Por isso que eu to bolado assim

Eu também to bolado sim

É que o judiciário tá todo comprado

E o legislativo tá financiado

(...)

Coloca a culpa de tudo nos homens do camburão

Eles colocam a culpa de tudo na população.

Nesse samba, dois protagonistas ambivalentes das favelas do Rio de Janeiro se encontram, e neste encontro trocam farpas (ou balas), expõe suas angústias, têm acesso ao *horizonte de visão* do outro, se identificam em alguns pontos e se estranham em tantos outros. Permitem-se uma compreensão das suas realidades, e também nos permitem ter acesso a essa compreensão.

A proposta do encontro está estabelecida, segundo Passos, na propensão de afetar e deixar afetar-se pelo outro através da sua enunciação, e daí surgir à possibilidade de perceber novas faces em nós mesmos e no outro (quem sabe antes *não ouvidas*) das quais o resultado é mudança de comportamento, de práticas de linguagem, e de pontos de vista de ambas as partes. Sim, é isso que desejo.

⁹Link: <http://www.vagalume.com.br/arlindo-cruz/numa-cidade-muito-longo-daqui-policia-e-bandido.html#ixzz3hQ51yF8W> (Acesso em 05 – 02- 2016)

Quero ouvir as vozes das sujeitas donas das suas histórias. Quero ouvir essas histórias narradas e carregadas da experiência em si.

Quero ouvir das mulheres negras o que elas mesmas pensam sobre si, sobre seus cabelos. Quero ouvir delas mesmas as versões bonitas ou não das suas histórias. Porque só nós mesmas sentimos no cabelo a dor e o sabor de ser negra nessa vida.

Para ouvir, ver, sentir, falar, emocionar, indignar, perceber e responder, nós nos propomos a assumir uma postura de *intelectual de perfumaria*¹⁰. O termo aparentemente banal chegou a mim num dia qualquer pela boca de um dos muitos sujeitos que fazem parte do meu universo dialógico, meu pai. Tomei o termo pra mim e para pesquisa como uma maneira de ser/estar/fazer ciência.

E no embalo de “*Numa cidade muito longe daqui – polícia e bandido*”, arrisco os próximos passos para o terceiro exercício: ver a vida na arte.

Afinal, senão na arte, que outro lugar vozes antagônicas, ambivalentes e, sobretudo conflitantes se encontrariam possibilitando a nós expectadores e também atores sociais a compreensão do conflito a partir da visão do todo?

A arte na vida e a vida na arte.

Na busca por uma percepção mais sensível da vida, após ouvirmos outras vozes e outras histórias, ressaltamos o terceiro fator que mencionamos no início deste texto: o papel da arte na empreitada de conhecer o mundo amplamente.

Em um pequeno texto no início de *A estética da criação verbal* (2003) Bakhtin despertou em nós a sensibilidade para com essas duas vertentes da existência do ser humano (arte e vida). Intitulando o escrito de “Arte e responsabilidade” o autor nos coloca diante de um novo olhar sobre a produção estética. Refere-se à literatura da época, de forma a problematizar a mecanicidade das produções que separam (ou acreditam separar) os três campos da existência humana (arte, ciência e vida).

Para Bakhtin, as produções que assumem tal atitude de segmentação que em princípio têm a intenção de engrandecer cada um dos seus campos (fazendo a arte suprema, a vida embelezada pela arte e a ciência iluminada e intocável), acabam por traír a si mesmas. Esvazia-os de sentido e de valor fazendo com que a arte se torne

¹⁰ Nas histórias será possível encontrar uma explanação melhor para *intelectual de perfumaria*.

patética demais, a vida sem graça demais e a ciência sem funcionalidade alguma. O resultado disto é que o homem não se identifica em nenhuma das três partes, ou quando consegue fazê-lo, é de forma ingênua, despretensiosa e apartada da problematização e superação dos paradigmas sobre a sua existência.

Pensar na unidade desses três campos foi uma das grandes modificações propostas por Bakhtin às produções literárias da época. A observação caminhava para além da crítica severa, pois Bakhtin instaurava a tensão e também propunha como estar nela: “O que garante o nexos interno entre os elementos do indivíduo? Só a unidade da responsabilidade.” (BAKHTIN, 2003 p. XXXIII).

Nesse sentido, a produção artística, assim como a científica, assim como a própria vida do homem, é carregada de inteira responsabilidade do homem, e, para fazer sentido deve ser compreendida como

[...] imaneamente social; o meio social extra-artístico afetando de fora a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. Não se trata de um elemento estranho afetando outro, mas de uma formação social, o estético, tal como o jurídico ou o cognitivo, é apenas uma variedade do social. A teoria da arte, conseqüentemente, só pode ser uma sociologia da arte. Nenhuma tarefa “imaneente” resta neste campo.” (O discurso na vida e o discurso da arte. Sobre poética sociológica, BAKHTIN E VOLOCHÍNOV, p.3)

Bakhtin (O discurso na vida e o discurso da arte. Sobre poética sociológica) sugere que na forma e no conteúdo da manifestação artística também está teoria e história da vida em sociedade, ou seja, as ideologias presentes nas relações sociais. Não é possível fugir disto, pois isto é ser responsável.

A arte é campo amoroso de enunciação. Nos toca quando menos esperamos e traz consigo o mundo quer a gente queira ou não.

Diante de exemplos como o “cesto de Fide”, e a regravação de “Nega do Cabelo Duro” é impossível virar as costas para o que desejam nos dizer os enunciados artísticos.

Hoje, o próprio cabelo crespo se enuncia em forma de arte nas cabeças de mulheres diversas. Penteados, trançados, ouriçados, presos ou envoltos com faixas, numa beleza incomum eles dizem o que cada mulher deseja falar: seu humor, suas experiências, seus desejos, seu lamentos. Mas não é suficiente olhar só para os cabelos, pois ele é composição ideológica, é preciso pois olhar também para vida e ciência. Para as suas donas e suas histórias. Para os saberes possíveis.

Acreditamos que desta maneira seja possível trazer à tona não só novos campos de diálogo, mas também novas maneiras de dialogar a respeito das histórias das mulheres negras. Maneiras mais responsáveis e dotadas de sentido.

Ouvir essas vozes tem incentivado e orientado mulheres pelo mundo inteiro a assumirem e cuidarem dos seus cabelos livres de químicas transformadoras, livre de padrões eurocêntricos, livres de uma ciência *indolente* (SANTOS, 2008). Mulheres como eu, que somente há 6 anos uso meus cabelos livres de química, mulheres como Amanda e Lorena (algumas sujeitas do encontro da nossa pesquisa), e tantas outras.

Para nós e para Bakhtin, esta possibilidade se dá através da escuta atenta aos vários discursos e às várias enunciações presentes no mundo.

BUSCANDO INSPIRAÇÕES

*“O artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador
fixada em uma obra de arte.”*

Bakhtin

*“Existem coisas que são impossíveis de serem vistas na vida, por isso,
recorremos à arte.”*

Beto

Preciso falar da busca por inspiração e orientação na arte, em especial o romance como forma de acabamento, de possibilidade de compreensão para situações da vida. Recorro mais uma vez a Mikhail Bakhtin para alinhar algumas ideias e intuições a respeito da potência da arte na pesquisa.

O artístico, diz Bakhtin¹¹, não pode ser compreendido somente no seu material, na psique do seu criador ou de seu contemplador, ele está nesses três fatores. Não está numa voz única, não está numa história única, sua compreensão está no diálogo entre um e outro presente no material.

A orientação pela arte é justamente por ela ser essa forma especial de diálogo entre falantes e ouvintes, ouvintes que também são falantes e falantes que também são ouvintes (diálogo entre os sujeitos). A arte se encarrega de ser o “médium” na comunicação entre criador e contemplador, com o importante fator de apenas se tornar arte no momento em que consegue alcançar tal ponto. Alcançar nossas interlocutoras é o nosso grande objetivo, por isso a escolha por esse tipo de escrita. Para nós, ela só ganhará sentido quando neste encontro.

Qualquer coisa no material de uma obra de arte que não pode participar da comunicação entre criador e contemplador, que não pode se tornar o “médium”, o meio de sua comunicação, não pode igualmente ser o recipiente de valor artístico. (BAKHTIN, VOLOCHINOV, O Discurso na vida, discurso na arte, 2003, p. 5)

¹¹ “O discurso na vida, discurso na arte”. (BAKHTIN, 2003)

Por isso, a quem mais em primeiro lugar eu poderia direcionar esta fala senão aos grupos que as vivenciam, que as fomentam, que batalham pela superação delas? Mulheres que já dialoga a partir do momento em que estou afetada por elas, mulheres que dialogarei diretamente quando me encontrar com elas.

Esse diálogo acontece desde quando eu me entendo por mim, ou antes disso até, porque sempre fui mulher negra, alisada ou encrespada; mulher negra hoje eu sei que sempre fui. Poderia dizer que “minha vida é um romance”, e isto passaria de um simples bordão. Minha vida é sim um romance, um teatro, uma música, uma arte. E a de quem não é? Quantos encontros e desencontros, momentos de certezas e tensões, de imposições e de recuo, momentos de amor e de ódio, de sabedoria e pura emoção...

Como diria o sambista Reinaldo:

A vida é um teatro de luz e cenários
 Que representamos e nem percebemos
 Peças e dramas o tempo inteiro
 Em todo papel que eu faço
 Me dou por inteiro
 Às vezes sou um palhaço
 Mesmo sem picadeiro (Cena de cinema, Reinaldo)

Não poderia, pois encontrar outra maneira de fazer este trabalho, senão no meio do palco, ora sem perceber, ora consciente, me dando por inteira no encontro com outras mulheres, procurando entender os sentidos anteriores, sentidos contínuos e os próximos possíveis também, e para isso olhando-o de longe.

A intenção é produzir algo que além de traduzir a sinceridade e o afeto com o sentido do tema presente na minha própria vida, é fazer com que também toque nossas leitoras, e, que crie através de uma gama de *presumidos* (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2003) campo comum de diálogo e de produção de conhecimento. Nós apostaremos no encontro com a arte, no afetar-se, nas “contínuas re-criações por meio das co-criações dos contempladores” (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2003, p.5) para o surgimento de novos discursos e maneiras de dialogar com questões até então ignoradas. Pensar novas formas de pensá-las, fomentar novos debates sobre elas.

Conforme vimos em Bakhtin, a linguagem é categoria central da constituição do ser humano. Dentre tantas das suas manifestações, o autor (durante boa parte de sua obra) optou por analisar as produções literárias, em especial o romance. Isto porque é no romance que ele acredita (e nós também) estar a linguagem cotidiana e popular, ou seja,

é o romance o gênero literário que está sempre em estreita relação com a realidade histórica da sociedade. Através da sua análise, Bakhtin elabora vários dos seus conceitos como *dialogismo*, *polifonia*, *exotopia*, *autor-herói*, *monologia* (BAKHTIN, 2003), os quais nos utilizaremos durante a nossa pesquisa.

Sua obra está em diálogo com seu tempo, combatendo a monologia, o discurso único, a cultura oficial, o partido único, o cerceamento do contraditório, a opressão do poder centralizador e da ditadura socialista de estado. Há uma nítida conversa em contraponto com sua época e contexto imediato. Bakhtin enaltece o riso libertador, na categoria da carnavalização, a dialogia, a polifonia, a emergência e o fortalecimento da pluralidade de vozes sociais.” (FANINI, 2013, p. 23)

A compreensão da língua voltada para sua dialogicidade, ou seja, para a presença de vozes conflitantes nos seus enunciados, como buscamos chamar a atenção quando falamos sobre “ouvir histórias”, é, segundo Bakhtin, a linha estruturante do gênero romanesco. O riso, a fala cotidiana, o plurilinguismo social, são elementos fundamentais, e assim, o romance é sempre um discurso em conflito com os gêneros oficiais e com a cultura oficial. Além disso, ele é sempre o contexto do narrador enquadrando a fala dos outros participantes, fato muito importante para Bakhtin, pois é também aí que está instaurada sua dialogia.

Se o romance tem na sua estrutura a potencialidade de confrontar o instaurado através da réplica e da atitude contestatória, de forma a dar maior dimensão ao popular, eis mais um motivo para nos inspirarmos nele.

Além disso, percebo na minha ainda recente caminhada acadêmica que as produções realizadas, ou ainda no processo da sua realização, acabam por ser perder na sua monologia, no seu discurso para si mesmo, hegemônico e arrogante. Não interessam senão à própria academia tudo aquilo que, extraem da vida popular e transformam de acordo com seus interesses.

Essas outras pesquisas, *enformadas*¹² em outros discursos me parecem, cada vez mais afundadas em si próprias. A alternativa, suponho, é optar por uma maneira de caminhar com os outros da pesquisa, fazendo com que a mesma ganhe novamente o seu sentido e a sua força.

¹² Colocadas em formas.

Aponto três dessas particularidades fundamentais que distinguem o romance de todos os gêneros restantes: 1. A tridimensão estilística do romance ligada à consciência plurilíngüe que se realiza nele; 2. A transformação radical das coordenadas temporais da representação literária no romance; 3. Uma nova área de estruturação da imagem literária no romance, justamente a área de contato máximo com o presente (contemporaneidade) no seu aspecto inacabado. Todos estes três tipos de particularidade do romance estão ligados organicamente entre si, e todos eles estão condicionados por uma determinada crise na história da sociedade europeia: sua saída das condições de um estado socialmente fechado, surdo e semipatriarcal, em direção às novas condições de relações internacionais e de ligações interlingüísticas. A pluriformidade das línguas, das culturas e das épocas, revelou-se à sociedade europeia e se tornou um fator determinante de sua vida e de seu pensamento. (BAKHTIN, apud FANIN, 1988, p.404).

O romance, ainda segundo Bakhtin (2014), tem suas raízes na cultura popular, compondo-se assim de inúmeras situações quase nunca harmoniosas, que imbricadas, acontecem ao mesmo tempo independente da sua constituição (mortes, nascimentos, brigas, amores, discussões, acertos, danças, cantos, brigas, silêncio, etc.). Esta sua característica é o que o aproxima da “vida real” e o afasta do hegemônico, e da seriedade da cultura oficial.

Assim como no nosso contexto histórico-social, é para mim nítido o período de tensão em torno das questões relacionadas à mulher negra e seu cabelo (questões estas, vale lembrar, por séculos instauradas como prática de racismo e subalternização), acreditamos, seguindo o pensamento bakhtiniano, que no romance também vão estar os embates discursivos e o embrião revolucionário, como por exemplo em *Americanah*¹³ de Chimamanda Adichie.

Adichie (2014) nos conta a história de Ifemelu, personagem que quando menina, jovem e adulta, enfrentou na Nigéria e nos Estados Unidos da América questões de machismo e racismo representados nas relações familiares, amorosas, profissionais e existenciais.

¹³ A estrutura estética da obra servirá de inspiração para a estrutura estética do texto final da pesquisa.

Muitos homens negros americanos têm esposa branca. Os que se dignam a ter esposa negra se casam com negras de pele clara (também conhecidas como amarelo – escuras). E é por isso que as mulheres de pele escuras amam Barack Obama. Ele quebrou o padrão! Casou-se com uma delas. Ele sabe o que o mundo parece não saber : negras de pele escura são o máximo. (Por que as mulheres negras de pele escura – tanto americanas quanto não americanas – amam Barack Obama , ADICHIE, 2014, p. 233)

A história de Ifem é também a história de muitas mulheres negras pelo mundo, também é minha história e desconfio ser a história da própria autora. Histórias que envolvem ser escolhida/escolher parceiros, maneiras de usar o cabelo e escolha da profissão, etc.

Assim, observar exemplos como esta literatura, confirma a opções pela arte, pela escrita em acabamento literatuzado, pelo olhar atento e escuta sensível às histórias.

Parece que estou no caminho certo...

Nesse sentido, destaco o caráter ideal do gênero romanesco para Bakhtin, o qual me inspira a prosseguir com a pesquisa: a polifonia.

No romance polifônico, Bakhtin vê a saída para a coisificação das relações sociais visto que nesse tipo de romance as relações entre o autor e o herói são de outra natureza. O autor não objetifica de fora o herói, construindo-o como uma entidade fechada e acabada. É como se o autor falasse do herói sempre na presença dele, instigando-o a se defender e a problematizar o que se diz dele. (FANINI, 2013, p. 32)

Ainda neste gênero está a oportunidade do herói se ver em sua totalidade, ou seja, para além da fragmentação da vida, colocando por terra a ideia do homem (podemos ler pesquisador) isolado do outro, isolado do mundo.

Na obra de Dostoievski, Bakhtin encontra seu ideal romanesco, uma nova forma para ser/estar na vida, na qual através da arquitetura polifônica está a alternativa para a coisificação do homem e para a busca de oportunidades democráticas de enunciação de ser e estar no mundo.

Quem são as vozes deste “romance” que se enuncia em forma de pesquisa?

São as vozes do mundo que ainda agora procurei me orientar sobre como conseguir ouvi-las, compreendê-las em seus sentidos e buscar uma ponte de diálogo com elas.

Quaisquer vozes do mundo?

Seria impossível tal pretensão. Tenho, neste trabalho, um direcionamento, uma intenção, e ela está voltada para encontrar mulheres negras e seus cabelos livres de química transformadores dos fios. Desconfio que assim como no cabelo está o racismo e todo processo de subalternização, também está a subversão, o empoderamento a enunciação positiva. Tudo isso (de bom e de ruim) está ali marcando e fazendo a história das mulheres negras.

Irei ouvi-las e me permitir encontrar (ou não) indício do que desconfiamos: de que com as mulheres negras há histórias e outras maneiras de conhecimento do mundo, conhecimento do outro e de autoconhecimento.

ENCRESPANDO

Encrespando é o verbo encrespar no gerúndio.

Gerúndio é o modo verbal empregado para indicar ações que estão em andamento, começaram e não terminaram, estão em trânsito, em processo, continuam...

Encrespar, no dicionário formal significa: “Tornar crespo, frisar, crespir, encaracolar: encrespar o cabelo. Enrugando levemente, crispar: encrespar os lábios num simulacro de sorriso.”¹⁴ Na linguagem coloquial, encrespar é “Irritar-se, alterar-se, indignar-se.”¹⁵

Recentemente alguns movimentos sociais incorporaram o verbo como termo utilizado pelas mulheres que decidiram por usar o cabelo livres de químicas transformadoras das suas texturas crespas. Ou seja, aquelas que alisavam seus fios e por algum motivo resolveram abandonar os alisantes para assumirem seus cabelos crespos.

Mas a definição neste caso vai mais além do que a opção por uma estética aparentemente vazia. Encrespar para estas mulheres, não é apenas a opção do crespo em detrimento do liso, é um posicionamento estético-político-social que envolve empoderar-se de si mesma. É conscientizar-se da sua beleza livre de padrões e por isso descobrir sua própria maneira de cuidar de si mesma. É saber lidar com os preconceitos com resistência. É estar atenta a ouvir outras vozes que lhe digam com amor sobre o quanto se é importante e única.

Pois o cabelo crespo é um cabelo polifônico, traz consigo outros discursos passados impregnados nele, é marcado pela alteridade imposta pelo outro, e que ainda assim necessita resistir e enunciar. Não faz questão de se enquadrar, ele é “inquadável”, se expande, é embolado, alto e duro. Duro na queda.

Se não fossem as tantas vozes que habitam nossos cabelos, talvez eles não fossem tão incompletos como são.

Nas redes sociais, em especial no Facebook, existem atualmente muitos grupos nos quais mulheres de cabelo crespo, em sua maioria mulheres negras, se reúnem para dialogarem sobre seus cabelos. Nestas comunidades é possível conhecer uma gama de enunciados, signos, atos que fora do local dos grupos ainda são muito desconhecidos, e por isso ainda disputam com muita bravura para conseguir seu lugar de enunciação.

¹⁴ Acessar <http://www.dicio.com.br/encrespar/>

¹⁵ Acessar <http://www.dicio.com.br/encrespar/>

Para poder participar da maioria desses grupos, por exemplo, é preciso antes de tudo ler as normas (que geralmente direcionam os assuntos que eles irão abordar), se interar de algumas perguntas frequentes¹⁶ e um pequeno dicionário¹⁷ de termos específicos de quem deseja encrespar-se.

Meninas que ingressam nesta jornada, também precisam saber que tipo de cabelo é o seu: 2A, 2B, 2C, 3A, 3B, 3C, 4A, 4B ou 4C¹⁸. O que já é um primeiro desafio, pois a maioria de nós não sabe da existência desta classificação para cabelos. Saber identificar qual é o seu cabelo auxilia na hora de escolher tratamentos.

Além destas particularidades, nesses grupos, podemos também perceber um tipo de relação incansavelmente dialógica entre as mulheres que fazem parte deles. Relação esta profundamente também amorosa, ora envolvendo as sujeitas em demonstrações de afeto, compaixão e companheirismo, ora em embates francos e até mesmo ásperos.

Em um dos grupos que eu faço parte, chamado “Cacheadas em transição”, que inclusive, foi o primeiro que entrei na época em que eu achava que meu cabelo era cacheado e não crespo, estas características acima citadas aparecem da mesma maneira: há um glossário para iniciantes, postagens politicamente engajadas, imagens que as próprias participantes postam das suas lutas durante o período em que abandonam as químicas desestruturantes para assumir seus cabelos naturais, as mensagens de incentivo nos comentários dessas fotos, alguns relatos pessoais, etc.

Durante algum tempo, eu optei por somente ler algumas postagens ao invés de participar ativamente com postagens como muitas vezes eu fiz no início. Neste tempo de observação, descolada da atividade de fazer parte do grupo, pude perceber um fluxo intenso de enunciações livres. Sem hora e nem dia marcados, as mulheres participantes falavam de suas histórias e quase que instantaneamente recebiam respostas carregadas de outras histórias. Tais devolutivas eram dicas resultantes de outras experiências, ou relatos que completavam/incompletavam o que havia sido postado. E até mesmo quando a postagem não fazia sentido, o grupo respondia em forma de silêncio ignorando o que havia sido dito.

A experiência um pouco menor com outros grupos de redes sociais e com outras sujeitas me fez perceber o quanto que esse emaranhado de histórias é o que de fato

¹⁶ Perguntas frequentes em anexo.

¹⁷ Dicionário em anexo.

¹⁸ A explicação dessas tipologias de cabelo está no anexo deste trabalho.

impulsiona e sustenta as mulheres que optaram por livrar seus cabelos de químicas desestruturantes.

Somos todas um embaraço de experiências que se materializam em nossos cabelos. A textura que antes não nos permitia guardar nele tudo isto porque “nada para em cabelo liso”, agora crespa nos permitia guardar e lembrar, e visitar em nós quando quisermos receitas, conselhos, elogios, ofensas (por que não?), enfim afetamentos que a todo momento nos dizem que nós somos e quem não somos, nos orientando num caminho mais livre do ser mulher negra no Brasil.

Por isso, este trabalho vai se pretender, crespo que é, emaranhar histórias e contá-las em forma de arte.

Do crespo que trago em meus fios eu decidi pinçar quatro grandes histórias de mulheres que me cercam e me afetam, para delas e com elas compartilhar e ampliar saberes, vozes e cabelo.

CONVERSAS NASCIDAS, TRANÇADAS, ALISADAS, CORTADAS, ENCRESPADAS.

1

“Olha o carro do peixe passando, peixe fresco e peixe barato. Sardinha! Pescadinha! Camarão! Sardinha limpa! Pescadinha limpa! Peixe galo!”

Vinte e seis anos morando em Bangu, e talvez o que os vendedores ambulantes tivessem mudado nas suas vendas, fosse somente os seus ajudantes. Agora era possível ver os filhos ajudando os pais, ou genros tentando descolar algum dinheiro com seus sogros, quem sabe sobrinhos também nessa labuta. As chamadas de público continuavam as mesmas, e a ordem que as vendas se sucederiam aos domingos também. Depois do peixe do Sr. Luís, passaria o “Vaaaassouuuureiiiirooooo” do Vando, e “Manga!Manga!” da Dona Kátia.

Peixe, vassoura e manga, era o que substituía aos domingos o despertador estridente e americanizado, que durante a semana tocava a não mais preferida (por motivos óbvios) música de Malina intimando-a para levantar e trabalhar.

Não foi preciso esperar a vez da manga para que levantasse, pois já estava enjoada da cama depois de uma noite de sono agitado, preocupada ainda com os últimos aborrecimentos de sexta no trabalho. Toda vez que parava para pensar no peso que era ser a responsável pedagógica da educação escolar de aproximadamente trezentos adolescentes, não conseguia acreditar no quanto havia amadurecido em menos de um ano e meio. A escola, além de conteudista era preocupada com o tipo de pessoas que seus alunos iriam se tornar quando adultos, e isto se materializava nas práticas alternadas entre o acompanhamento do estado emocional em que estavam e orientação disciplinar e moral para eles.

Às vezes ela pensava que quando fosse ter seus dois filhos planejados com Ambaye, e eles chegassem à adolescência, ela não precisaria ler aquela gama de livros que ensinam os pais e cuidarem de seus filhos – *Pais brilhantes professores fascinantes*, *O Rei na Barriga*, entre outros. Sentia-se fazendo um estágio toda vez que um jovem sentava-se na sua mesa e desabava a chorar reclamando do mundo, ou pedia-lhe desculpas prometendo melhorar, assim como por vezes ela já tinha feito com seus pais, e visto seus irmão e amigos fazendo, afinal, “eles são todos iguais só muda o nome e

endereço” - Malina dizia em toda reunião de responsáveis tentando confortar os pais desesperados.

O que lhe tirava o sono era lembrar que na verdade não chegava a ser nem quinze anos mais velha que a maioria deles, e por isso às vezes ficava se perguntando como faria para dar conta daquilo tudo, e ainda pensar em alguma solução realmente eficaz para as angústias daqueles adolescentes que num domingo como aquele deveriam estar em suas casas esquecendo metade de tudo que ela dissera sobre o que é certo ou errado, porque na segunda feira eles repetiriam os mesmos erros, as mesmas perguntas, as mesmas respostas, as mesmas frases engraçadas. Adolescentes são engraçados.

Mas enquanto ainda não era segunda, tudo que desejava era esquecer o trabalho, e como qualquer outro domingo na sua casa, desceu para tomar café com seus pais as nove, logo após o peixe do Luís passar. O jornal impresso ocupava boa parte da mesa de café disputando espaço com as xícaras, o bule, o açúcar, o prato com ovos mexidos e as reclamações da sua mãe.

Procurava sempre ignorar aquela briga matinal entre eles porque entendia que aquilo talvez fizesse parte da vida dos casais unidos há muitos anos, mas nunca dava certo, porque sua presença era mais um motivo para disputarem – neste caso, obviamente, brigavam para ver quem era o mais querido. “Zan, tire isso daqui, sua filha quer sentar”, mamãe dizia e olhava para Malina buscando algum apoio, quem sabe assim papai obedecesse às suas ordens.

Bem que funcionou, mas só por cinco minutos, porque nos outros próximos, após servir-se de café e ovos, Malina colocou o jornal a sua frente e começou a folheá-lo em busca do canal da TV. “Farinhas do mesmo saco! Você e seu pai!”, e todos riram na mesa, enquanto Zan levantava-se para atender alguém que havia batido palmas no portão. “Se acalme mãe, já vou lhe dizer o que vai acontecer amanhã na novela”. E o café continuou.

Malina poderia ter escolhido qualquer outra seção do jornal, mas se a ideia era relaxar antes que a semana começasse, ainda que ela compartilhasse da sensação comum a professores, pedagogos e demais profissionais da educação de que a os cinco dias intensos de trabalho não teriam ao menos acabado, então o ideal mesmo era se encher das baboseiras “descompromissadas” com o mundo que somente o caderno de TV poderia oferecer-lhe.

“Amanhã Cora vai descobrir que Lourdes não é sua mãe verdadeira...”, de repente Malina parou e percebeu que havia alguém lhe observando. A leitura foi interrompida pelo seu pai parado no meio da cozinha de braços cruzados, olhando a cena de Malina e Maria e seus palpites sobre a novela. Sem se conter, precisou perguntar: “Por acaso estou criando filha para ser intelectual de perfumaria?”.

Zan era professor de Biologia, formado por uma das universidades públicas mais bem conceituadas na sua área, tinha uma trajetória compromissada com uma educação política, pública e por isso transformadora. Nos últimos meses tinha pulado fora da loucura que as salas de aula da rede pública do Rio de Janeiro tinham se tornado. Por ideal, se recusara a participar das injustiças que professores e alunos estavam sendo vítimas. Resolveu se unir a grupos de políticos engajados que ainda faziam alguma coisa por Bangu, e se recusavam a servir a política imediatista, interesseira e de troca de favores que desvirtuava o Rio, o Brasil, e o mundo. Aproveitou, nesse tempo, os estudos de Malina para retomar os seus. O que Malina lia ele também lia, o que ele via de interessante compartilhava no Facebook dela, decidiu ser seu *roadie*¹⁹ acadêmico: caronas, livros e o que mais precisasse era só falar com ele.

As conversas entre os dois chegava a causar ciúme dentro de casa, era um misto de saudosismo, troca de experiências, embate e concordância de ideias. “Coisa de gente intelectual”, dizia ele querendo *tirar onda* com a mamãe.

Mas não de gente intelectual de perfumaria, ora! Era esse o silêncio que havia interrompido a conversa sobre a novela.

Malina tinha acabado de entrar no recente curso de mestrado em educação de uma das melhores universidades pública do país, e questões como essa, sobre “afinal quem são os intelectuais?”, às vezes se juntavam com os problemas da escola para ficarem tirando o seu sono. Na semana anterior àquela, inclusive, tinha tomado um belo tapa sem mão durante mais uma das aulas embatidas.

A tarefa da aula era analisar e ter seu pré-projeto analisado pelos colegas de turma, que em grupo davam notas praquela documento feito em sua maioria somente para passar no processo seletivo, e que depois era certo que mudariam quando os

¹⁹ O roadie é o personagem (profissional da música) que passa quase despercebido, mas que, para uma boa performance de palco, é indispensável, sempre cobrindo a retaguarda do músico nas situações adversas em shows, e sempre realizando o trabalho mais árduo numa “gig”. O roadie é o primeiro a chegar sempre no local do *show* e é sempre o último elemento a ir embora. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Roadie>, acesso em 06/4/2015)

orientadores começassem a trabalhar em cima dele. Depois da nota em grupo, o professor inquiria aluno por aluno.

Enquanto seus colegas passavam por isso, Malina intimamente satirizava aquela situação, porque para ela dava no mesmo ele perguntar “Qual a relevância científica que esse tema tem para o mundo?” ou “O que você estava fazendo com esses autores, seu computador e uma garrafa de vinho ontem à noite na sua casa?”. Lembrava-se de Serena, sua amiga, toda vez que tinha esses pensamentos idiotas. Desejou dividir com alguém aquela figura que era o professor inquisidor: um homem negro de aproximadamente cinquenta anos, sempre muito bem arrumado, mesmo quem não o conhecia poderia desconfiar de que ele engomava suas blusas sociais. Toda aula ele fazia o mesmo discurso, na mesma ordem. Primeiro contava alguns casos de racismo o qual foi vítima, o que até poderia ser enriquecedor para algum debate, se o próprio professor não desse um rumo vitimizado, lamentador e revoltado por sofrer preconceitos por pessoas da mesma cor que ele e de classe social ainda inferior. Depois disso ele entrava nas suas convicções a respeito da produção de pesquisa científica em educação e sobre elas falava horas a fio. Para ele, pesquisador tem que ser perfeitamente disciplinado, não deve se misturar com o objeto e não deve falar sobre coisas inúteis à ciência. Teria ele andado conversando com o pai de Malina? Desejo que não.

Aquele homem era duro de lidar, um cara amargo, mas não era chato. Não era chato porque era exageradamente educado, e quando via que estava realmente incomodando, ele parava (ao menos isso). Malina gostava de ironizar suas falas em pensamentos velados que jamais contaria a alguém daquela turma. Naquele dia em que foi massacrada, chegou a lembrar também do livro “O queijo e os vermes” de Ginzburg (2006), que havia divertido-lhe muito com os interrogatórios arbitrários e as respostas inusitadas que o pobre Menochio protagonizava.

O problema é que na sua vez de prestar depoimento no tribunal, a velha intimidade forçada com aquele professor, velho conhecido da graduação, fez com que ele passasse de juiz para carrasco, do legislativo para o executivo, e ela de réu para condenada. Uma tragédia.

Quanto mais Malina procurava se explicar, mais ele perguntava difícil, e quando a única coisa que lhe restava era sua convicção política pela relevância do seu tema de pesquisa, ele aplicou o golpe final “Posicionamento político não pode ser confundido com ciência. Próximo”.

Aquele episódio rendeu pelos corredores da faculdade durante todo o semestre. Malina ficou com fama de brigona, o que ela discordava porque em sua opinião não tinha nem tido essa chance. Aquilo ficou entalado na sua garganta, como o choro engolido que sentia na infância quando sua mãe a colocava no lugar dela de criança: “engole esse choro e fica quieta”. Ficava irada toda vez que alguém usava da hegemonia para colocá-la num lugar onde ela não queria estar. Ficou irada muitas vezes na vida, e ainda fica.

A sensação foi parecida, mas as diferenças são duas: mães normalmente fazem isso com o objetivo e ela não sabia por que raios aquele professor precisava ser tão linha dura; Normalmente depois de um tempo você compreende porque sua mãe fez aquilo com você e a situação vira aprendizado incorporado no seu caráter, e aquele episódio não incorporou (ou pelo menos ainda não tinha incorporado) nada na vida intelectual de Malina. Ela sentia gana em poder voltar naquele ponto assim que tivesse uma brecha.

O pobre coitado do seu pai foi o escolhido para ouvir a resposta malcriada de Malina, naquele domingo de manhã, carregada dessa história que ele já tinha ouvido trezentas vezes, e se não fosse seu sentimento paternalista em não admitir que falem assim com sua cria, já até teria esquecido o que tinha se passado.

“Sim, está criando filha pra ser intelectual de perfumaria sim. Qual o problema?”

A discussão a respeito de ser ou não ser um intelectual, ou que tipo de intelectual deve-se ser para ter sua pesquisa reconhecida tem permeado algumas rodas de debate na academia. Alguns autores direcionaram seus estudos exatamente para esse ponto, formulando conceitos de intelectual que têm orientado tais debates.

Para Gramsci (1998) todos os homens de uma sociedade são intelectuais, porém nem todos exercem essa função. Intelectual, para o autor é aquele que exerce de alguma forma uma função nos rumos políticos ideológicos da sociedade, podendo ser *orgânico* (oriundo de qualquer classe, e que por ela elaboram políticas revolucionárias para sua emancipação), ou *tradicional* (pertencentes a classe dominante, em nada se importam com a classe operária, se ocupando então de manter a organização vertical de classes na sociedade).

Já em Edward Said, (2005) intelectual é aquele sujeito que se põe a pensar sobre alguma coisa com o compromisso político-pessoal de perturbar o que é aparentemente dado como único. Ele se posiciona sempre do mesmo lado que os fracos e oprimidos, embora isso não signifique que suas palavras declaram servidão a esse grupo. Ele serve às suas convicções, custe isso o que custar. Seu posicionamento político e responsável sobre o mundo real é fruto da sua consciência inquieta e crítica. Ele não se isenta das situações reais da vida, e nem pretende resolvê-las, seu papel é sempre tencioná-las, colocar o inquestionável no lugar do passível de dúvida.

Adriana Facina (2010) a opção pela “pesquisa de perfumaria” está ligada a opção pela compreensão através da qual se percebe o mundo, e assim pesquisa-se sobre ele. Para a autora, a postura científica que ignora/menospreza o termo *perfumaria* é aquela que produz no estaque entre infraestrutura e superestrutura da sociedade, ou seja, que ignora o diálogo e a interdependência entre ambas na mecânica sob a qual o mundo é regido. Adriana defende que o termo *perfumaria* está sim relacionado à cultura popular, afetividades, diálogos cotidianos, práticas, etc, mas que para compreender estas práticas nas suas dimensões e importâncias é preciso optar por uma outra maneira – dialógica – de perceber e estudar a vida. Tal posicionamento encontra grande aproximação com a postura de Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992).

Para o pai de Malina provavelmente exista um tipo de intelectual respeitável, que com certeza não é um que seja de *perfumaria*.

Perfumaria, perfumaria, perfumaria.

Aquele início de semestre estava sendo um pouco duro para Malina. Conhecida pela sua personalidade forte e atitudes bem decididas, toda vez que encontrava com alguém e a conversa se direcionava para pesquisa, via que suas certezas se tornavam cada vez mais incertezas. Agora enfrentava problemas não só com o que deveria pesquisar, mas, sobretudo como deveria fazê-lo uma vez que isso determinaria que tipo de pesquisadora ela seria.

Respondeu para Zan que era uma *intelectual de perfumaria*, e exceto o encantamento que a palavra trazia pra ela, não fazia a mínima ideia do que seria isso.

“Perfumaria, perfumaria, perfumaria...”, não saía mais da sua cabeça pensar em perfumaria, mas para sua infelicidade, não se lembrava nem de já ter entrado em uma. Se fosse levar o sentido ao pé da letra, as lojas que conhecia onde se vendia perfume, ou eram importadoras ou lojas de shopping mesmo, e isso faria com que a palavra perdesse todo seu glamour.

Preferia imaginar uma grande loja de esquina no térreo de um prédio histórico no centro do Rio de Janeiro, onde a porta fosse de madeira bem escura com pequenos quadradinhos de vidro transparente por onde quem passasse na rua pudesse ver o que acontecia lá dentro: um salão amplo de chão de taco encerado, com estantes enormes encostadas nas paredes; para alcançar o que estivesse mais acima era preciso até usar uma escada. Espalhadas pelo salão algumas ilhas com umas amostras grátis, e na frente das estantes, um balcão enorme, onde vários atendentes estariam à disposição dos clientes. Não tem caixa, o negócio é fechado com o próprio vendedor, pois isso facilitaria no caso de negociação.

Os clientes seriam chamados pelos nomes, e seria proibido vender qualquer coisa sem que antes houvesse algum diálogo entre as pessoas. Encomendas também poderiam ser feitas, mas não muito subjetivas, porque senão ficaria fantasioso demais imaginar uma perfumaria que inventasse perfumes que traduzissem a essência de cada pessoa. É obvio que cada pessoa carrega sua essência consigo, afinal cada um de nós é único e insubstituível nesse mundo. Os homens e as mulheres não se repetem, e por isso suas essências também não. Malina pensava que não seria possível prender a essência de alguém, a não ser que isso significasse matá-la.

Teria um delicioso cheiro no ar, um misto de fragrâncias que se alternariam toda vez que um vidro fosse aberto. Os cheiros denunciariam as pessoas, e isso não teria nenhum problema, porque lá, afinal, seria um lugar onde não haveria necessidade de esconder os sentimentos. Para Malina, cheiro era sentimento, na sua cabeça mutuamente esses dois elementos se ativavam.

Assim, quem sabe, *intelectual de perfumaria* poderia ser um intelectual sentimental.

É verdade, cheiros ativam memórias... Mali lembrou-se de quando tinha uns dezesseis anos e cursava a escola normal para formação de professores. Sua mãe

passava por uma fase difícil no trabalho, e a jornada cada vez mais puxada fez com que Maria saísse ainda mais cedo de casa, enquanto todos dormiam, com exceção de Zan. Foi uma época difícil para mãe e filha, porque o tempo que estariam juntas passou a ser muito pouco. Quando Maria saía, Malina ainda dormia e quando Malina chegava do estágio já à noite, Maria estava caída de sono. O jeito que encontrava para matar a saudade marca até os dias de hoje a memória de Malina. Sabia que sua mãe já estava pronta, provavelmente linda, para trabalhar quando o doce odor de *Luna – Água de Cheiro* invadia seu quarto no segundo andar da casa e lhe acordava. A sensação era de beijo e bom dia, e até hoje chega a ligar para mamãe algumas vezes quando sente o saudoso cheiro na rua, somente para dizer “te amo meu chocolate”.

Essa ideia toda sobre cheiros, perfumes e pesquisa tudo parecia mais um de seus devaneios quando se tratava de poetizar o que parece impoetizável. A dupla intelectual e perfumaria não combinavam em nada, e era justamente por isso que ia insistir no termo.

Bom, tirando essa parte fantasiosa, era preciso encontrar uma conjugação, ou montar um diálogo entre intelectual de perfumaria e o seu trabalho de pesquisadora em formação. Numa tarde de quinta-feira, após os estudos de um dos grupos de pesquisa que fazia parte, dentre muitas risadas e conversas que aparentemente eram mais sátiras e ironias do que debates acadêmicos resolveu compartilhar seu novo louco desafio com Serena.

Serena, nos últimos três anos, isto é, depois de entrar para o grupo de pesquisa, havia se tornado uma grande amiga. Era uma mulher negra, meio japonesa nos olhos e nordestina na estatura, que carregava consigo uma visão crítica e sensível sobre a vida. Amante de cinema tinha sempre um exemplo na arte para embasar suas opiniões. De riso fácil, às vezes as pessoas tinham dificuldades em saber quando Serena estava falando sério ou satirizando alguma coisa. Essa diferença entre sátira e seriedade nunca foi problema na relação de Serena e Malina, pois “nossos risos são irônicos. É o riso do povo para a cultura hegemônica, valores invertidos.” – palavras das próprias.

Na conversa na lanchonete Serena riu intrigada:

“Olha não entendi muito bem esse negócio de perfumaria que você está querendo dizer não Ma, mas por que você não assiste *“Perfume - a história de um assassino?”*”

“Jura? Que filme é esse? Filme com a palavra perfume só conheço “*Perfume de mulher*” com Al Pacino, e não tem nada a ver com o que eu quero!”

“Vai por mim. Bom, pelo menos eu acho que você pode gostar, é meio *trash* mas de repente ajuda..”

Depois de algumas semanas Malina pegou na internet o tal do filme. Ficou maravilhada porque o drama caiu como uma luva para aquelas ideias ainda imaturas. Como perfume e pessoa, filme e ideais se combinaram em essência. O filme naquele momento pareceu-lhe genial para que elaborasse melhor o que estava pensando sobre o que de fato seria um intelectual de perfumaria.

No filme, que se passa na França do século XVIII, Jean-Baptiste Grenouille, abandonado pela mãe vendedora de peixe nos primeiros minutos de vida, jogado na fedentina da cidade de Paris, é um sujeito dotado de olfato extremamente apurado, o que o livrou da morte todas as vezes que se deparou com ela. Jogado num orfanato, foi uma criança esquisita por querer cheirar tudo que podia (desde frutas, crianças, pedras a ratos mortos), e por isso também era evitado pelas outras crianças. Demorou muito para falar, e quando aos cinco anos aprendeu, descobriu que a linguagem do mundo não dava conta das experiências que ele possuía apenas cheirando.

Tinha consciência do seu dom, e quando ficou adolescente, embora fosse escravo de um vendedor de couro do cais do porto, sabia que precisava ser perfumista, porque era sentir os cheiros do mundo que o mantinha vivo. Durante uma das entregas na cidade, passou por uma perfumaria e pode ver o quão felizes pareciam àquelas pessoas ao experimentarem, comprarem e comentarem sobre os perfumes e as sensações que eles traziam. Naquela noite, seguiu o cheiro de uma bela mulher ruiva que carregava frutas num beco escuro, ficou tão fascinado com o cheiro daquele corpo que o agarrou com tanta força a ponto de matá-lo. Naquele momento, não se apavorou com o que tinha acabado de fazer, mas sim com o fato de não conseguir “pegar” o que estava dentro daquela mulher, seu cheiro.

Jean-Baptiste decidiu então que necessitava aprender a retirar o cheiro das coisas boas para poder guardar. Numa das cenas que Malina mais gostava, ele vai entregar peles no laboratório de um perfumista falido e deduz apenas pelo cheiro a composição do perfume mais famoso que seu concorrente havia produzido: mirra, laranja, limão, patchuli. Implora então pela oportunidade de não só reproduzir a fórmula, mas, além disso, melhorá-la. O velho desconfiado, até aceita e ao mesmo

tempo em que fica boquiaberto com a capacidade de Jean em acertar as combinações das fragrâncias e as quantidades necessárias para o sucesso da mistura, se apavora com a ignorância de Jean no manuseio dos instrumentos. Sensibilidade e técnica se encontravam (de forma contraditória) pela primeira vez.

Ele conhecia os cheiros por causa da aliança entre seu dom e sua experiência de mundo. A pobreza e miséria da criação no orfanato na roça, fez dele conhecedor sensível da diversidade da vida. Sabia a diferença entre o cheiro de uma pedra fria ou quente, de uma madeira molhada ou seca, do mato, de roupa suja, de bicho em decomposição, de bicho recém nascido.

Cheio de sensibilidade e sem nenhuma técnica, Jean encanta o perfumista que decide ensiná-lo a como apreender o cheiro das coisas através da destilação. Mas decepcionado como o fato desse método não ser eficaz para o que precisava, ele dita mais de cem combinações de essências, sob a condição de seu até então mestre dar a ele uma carta de aprendiz para que fosse a outra cidade aprender novos recursos.

Numa outra cidade, Jean aprende a usar o cozimento e a banha de porco no processo de perfumaria, e isto teria resolvido seus problemas se o que quisesse guardar não fosse a essência das mulheres. Obcecado por isso, ele desenvolve seu próprio método (matar, passar banha, enrolar na atadura, retirar a banha e misturá-la com álcool), que é eficaz e, no entanto faz dele o *serial killer* mais procurado da França.

Jean-Baptiste Grenouille mata as treze mulheres mais bonitas da cidade, e consegue fazer o perfume que tanto almejou. Condenado a crucificação, na hora da execução de sua sentença final passa sua criação num lenço e abana por cima da multidão fazendo com que as pessoas caiam de joelhos aos seus pés, e depois se amem (beijos, abraços e sexo) desesperadamente. Jean conseguiu fazer um perfume com todo o amor do mundo, mas infelizmente esse perfume jamais viraria uma pessoal real que ele pudesse amar e ser amado. Essa é a foi a sua sentença.

Solitário, retorna a sua cidade de origem. Na miséria onde nasceu, junto àquelas pessoas famintas e fedidas ele toma banho do seu perfume divino e é devorado por todos. Morre.

“Assista ‘Perfume a história de um assassino’, acho que descobri a pólvora da minha dissertação!”

Mandou mensagem de texto rápido para Tom, seu orientador. Ela já havia comentado alguma coisa com ele sobre isso, e ele como sempre tinha lhe dado total

liberdade para investir no tema. Achou poético e desafiador. Poderia escrever sobre perfumaria, contando que fizesse direito.

Sensibilidade e técnica. Primeiro a sensibilidade, depois a técnica. Sensibilidade em forma de olfato, sentido humano tão inapreensível e subjetivo. Técnica em forma de apreender o que está no mundo, na natureza, que depende da sensibilidade. Do encontro dos dois, inúmeras possibilidades. Se há encontro com a alquimia, então resultam perfumes e dos perfumes resulta o despertar de sentimentos nas pessoas. Se há encontro com o fanatismo pela auto-realização, então a morte, dos outros e do próprio perfumista. E não é isso que acontece com os pesquisadores?

Ficou pensando no tema que desejava pesquisar – mulheres negras. Era sua sensibilidade ao mundo que fazia esse tema falar com ela, e fazia despertar em Malina o desejo de falar com ele também. Como mulher negra, experimentava da vida encontros que jamais poderiam ficar sem respostas, pois ecoavam em tons diferentes dentro de si: preconceitos, beleza, trabalho, homens, tantas vozes que não poderiam se calar. Jean Batiste sabia que precisava ser perfumista, Malina sabia que precisava ser feminista.

Entendeu que não bastava sair pelo mundo dando seu testemunho sobre quem ela era e o que passava, era preciso parar de cheirar tudo e procurar unir sua sensibilidade à técnica. Precisava se munir, concentrar e aprender. Selecionar argumentos mais doces para pessoas que combinassem com eles, os mais amadeirados para os curiosos, os mais cítricos para os descompromissados, e os inebriantes para aqueles que precisassem ser seduzidos pelo tema.

Não podia ainda se fechar ao mundo e abraçar com fixação psicótica o que pretendia defender senão morreria solitária como Jean. Seria impossível pegar para si, tudo que sua experiência lhe trazia, que sua sensibilidade lhe mostrava sobre o mundo das mulheres como ela, e tantas outras mulheres como Malina também vivem de bom e de ruim nesse mundo. A magia do intelectual de perfumaria, pensou, estaria em pegar e repassar, tudo aquilo que sua vida sensível lhe convidasse (ou lhe pusesse) ao diálogo.

Malina elaborou uns três passos para quem assim como ela desejasse embarcar nessa loucura e assim pois se tornar, se portar ou se arriscar a ser um intelectual de perfumaria:

1. Estar sensível ao mundo e não se ausentar das respostas que deva dar a ele.
2. Munir-se de técnica necessária para produzir argumentos que se referissem diretamente aos seus interlocutores.
3. Não ter a pretensão de encerrar com verdade todos os diálogos que a vida lhe convidasse e nem a vaidade de reter para si tudo que conseguisse conhecer.

Parecia estar pronta para dar mais alguns passos na pesquisa.

CABELO DE MALINA

2

Numa quarta feira, durante o intervalo entre um grupo de estudos e outro, Malina estava sentada no bandeirão da universidade terminando seu almoço. A refeição sempre fora saborosa, mesmo depois de já terem se passado alguns anos da inauguração. Ficava sempre se lembrando do primeiro dia de funcionamento, quando ainda na graduação combinou de jantar com suas amigas, teria sido uma decepção por completo se não fosse o sabor do encontro entre elas, porque justamente naquele dia de expectativas descobriram que o *menu* era arroz, feijão, salsichão e molho vinagrete. Muitos encontros marcaram aquele lugar e o sabor daquela comida, desde os bate-papos da graduação, até as conversas com os colegas de mestrado. Naquela quarta especialmente, quando quase terminava de devorar uma carne picadinha com salada de repolho e tomates frescos, um rapaz se aproximou.

“Conheço esse cara” sussurrou para si mesma, mas continuou comendo e fez de conta que não o via. O rapaz, branco com uma aparência sempre suada e um chapéu panamá encardido, há alguns anos cercava Malina pelos cantos da universidade querendo puxar assuntos *étnico-racialmente engajados* na tentativa de agradá-la. Nem sempre Malina estava a fim de falar sobre isso, viver isso já era o suficiente em alguns dias. Mas aquele cara era persistente. Nunca deixava Malina passar despercebida e com certeza todas as suas amigas já estariam rindo se estivessem com ela naquele dia.

“Ma? ... Ma? ... Malina?”

“Oii, tudo bem?” respondeu com uma cara de surpresa fingida e um sorriso amarelo que ela sempre usava quando queria encenar ter sido pega de surpresa.

Bom, ela não precisaria daquele teatro, porque o cara cujo ela nem lembrava o nome, na verdade nem sabia o nome, atacou em cheio: “Olha, eu quero te agradecer. Foi por sua causa que minha namorada decidiu deixar seus cabelos naturais. Ela está linda! Obrigado”. Levantou-se e saiu andando.

Malina jamais teria ficado tão surpresa, sem graça e pensativa ao mesmo tempo. Numa fração de segundos uma vida inteira veio à tona em sua cabeça, e ela naquele instante nem conseguiu agradecer direito. De tão baratinada, pediu licença não sabia nem pra quem e levantou-se. Aqueles agradecimentos ficaram ecoando em sua

mente e em seu coração durante um bom tempo. Foi o suficiente para resgatar dentro de si, memórias, lembranças, sentimentos e vontade de escrever que há algum tempo não davam nem sinal de vida.

É óbvio que estava com o ego massageado, aquele teria sido um “super elogio”, mas algo com maior peso, algo que ultrapassava a vaidade de um ego, algo que também fazia parte do seu “eu”, de repente falou mais alto. Sentiu como um chamamento à responsabilidade, como uma coisa que dizia de si própria, do mundo para si, e de si para o mundo: “Uou, inspirei uma mulher negra a assumir seus cabelos!”, pensava. O que talvez ainda não tivesse percebido com clareza, embora essa coisa de cabelos significasse muito para si, era que o assumir a *naturalidade* dos seus cabelos, significava para maioria das mulheres negras assumir toda sua negritude, pois a história dos cabelos de uma mulher negra é a própria história sobre ela mesma, assim como uma vez acontecera com ela.

De repente lembrou-se da sua vida, na verdade da sua vida com seus cabelos, todas as suas “fases” e encontros e um misto de dor, dificuldade, orgulho de si e felicidade respectivamente tomaram conta de Mali. Chegando a casa correu para o mural de fotos e passou alguns minutos olhando para uma foto de si própria que guardava do aniversário de trinta anos da sua mãe. Uma foto dura e enigmática onde estava emburrada naquele dia porque não queria pentear o cabelo. Encarava a câmera, as pessoas, a própria mãe aniversariante, que naquele dia estava linda de vermelho, e até mesmo os coleguinhas, simplesmente porque estava de mal com o mundo e de mal com seus cabelos, e se algo poderia ficar ainda pior, se sentia como um menino com aquele corte “joãozinho”.

“Detestava aquele corte, aff!” Ora, o próprio nome já diz! Estar com os cabelos daquele jeito era o mesmo que cortá-los como o de um menino. “Tudo poderia ter se resolvido se a mamãe não tivesse colocado para lavar, justamente naquele dia, a toalha amarela que enrolava na cabeça para fingir longas madeixas loiras, e assim no seu mundo particular, não estaria com aquele cabelo despenteado, com aquela cara emburrada, e sim loira dos cabelos longos.” Esta fora a desculpa que durante anos Mali repetira todas as vezes que a foto virava motivo de piada de família. A tal toalha amarela era uma solução ilusória para tudo de ruim que aquele cabelo crespo trazia na sua infância.

Na foto, ficava claro entender, que de blusa polo amarela, bermuda jeans surrada, tênis branco encardido, sem brincos e despenteada, se era para ser um menino, então que fosse direito.

“Que fase!” pensou e suspirou diante daquela imagem. Era duro aguentar as implicâncias racistas dos coleguinhas, embora soubesse se defender bem. Era duro, aguentar as piadas das tias do *ballet*, porque o cabelo não dava pra fazer coque, e bunda não podia ser empinada de jeito algum. Não poder usar arquinhos (ou diademas, ou tiaras de cabelo), não poder passar gel de purpurina, ser confundida com seu irmão mais novo, era duro. Uma vez mamãe explicou que não sabia como pentear seus cabelos, e por isso optou pelo tal corte. “O pente era fino demais e machucava você. Era uma briga todos os dias, porque estava muito ressecado e você precisava levantar alguns minutos mais cedo para dar tempo de molhar encher de creme e pentear. Eu não sabia o que fazer!”. Também foi duro ouvir isso.

Ninguém em casa tinha tempo para pentear Malina. Professor e jornalista, seus pais sempre saíam muito cedo para o trabalho e Mali tinha que acompanhar o ritmo acelerado para poder estar na escola na hora certa. O corte foi uma medida prática para solucionar os entraves cotidianos da rotina de uma família trabalhadora, no entanto, fez intensificar ainda mais o preconceito que constantemente sofria, e que algumas vezes se configurava inclusive como preconceito de gênero.

Não julgava sua mãe por não saber lidar com seus cabelos, porque entendia que ninguém ensinara a ela. Se pudesse voltar no tempo, teria se defendido melhor, saberia lidar com a maleabilidade dos seus cabelos, usaria flores e faixas no lugar das tiaras de metal. Se pudesse...

Para Nilma Lino Gomes (2006), corpo e cabelo são signos que estruturaram e ainda estruturam o discurso a respeito do negro na sociedade brasileira. No Livro “Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, a autora apresenta significantes contribuições acerca da estética do corpo negro, em especial do cabelo, enquanto elemento cultural de representação do negro na sociedade. Segundo ela, o cabelo e o corpo negro só adquirem significações quando pensados em seus contextos históricos, sociais e etnográficos, por isso, para compreender as tensões que Malina passou/passa/passará com seu cabelo e sua pesquisa, é necessário, mesmo que

brevemente, olhar para o contexto histórico social em que o cabelo do negro e o negro no Brasil tem estado. Segundo a autora, no caso das sociedades colonizadas, que sofreram a experiência de um sistema escravocrata, o racismo foi estruturado relegando ao negro o local de politicamente dominado e culturalmente inferior, a partir de uma série de práticas de violência contra seu corpo e sua cultura.

Nesse sentido, a ideia do cabelo negro como um “cabelo ruim” foi mais uma prática de construção e disseminação do racismo, bem como a construção de um padrão estético ideal – cabelos lisos – que até hoje coloca os negros em conflito com seus padrões estéticos reais – cabelos crespos.

No entanto, o que Gomes (2006) aponta em seus estudos, é que essas práticas não são aceitas pacificamente pelos negros, e que numa constante construção e reinvenção de práticas políticas e culturais, a estética negra, em especial o cabelo negro, tem sido o local ambíguo onde emergem as tensões que habitam o pertencimento a uma identidade negra. O cabelo negro, sua maleabilidade e visibilidade, têm representado um local de constante fuga da exclusão e opressão, e ao mesmo tempo um lugar de reinvenção e pertencimento (orgulhoso) a uma identidade resistente.

Nessa perspectiva, o estilo, a manipulação, o tipo de penteado e os sentidos atribuídos ao cabelo crespo tanto podem representar uma forma de encobrimento dos dilemas referentes à identidade negra (como seu pertencimento étnico/racial), como pode também representar um estilo de vida, uma afirmação de identidade ou reação, resistência e denúncia ao racismo. Para Nilma, o entendimento do cabelo crespo como forma de linguagem (ou um signo) que representa e reinventa as relações sociais, pode ajudar a entender, por exemplo, o sistema de classificação racial brasileiro, que além de cromático, é estético e corpóreo.

Ainda seguindo a ideia de que o entendimento do cabelo crespo como algo ruim e por isso impossível de ser cuidado em sua forma natural, ser um discurso hegemônico por tempos implantado e reproduzido como único e verdadeiro na sociedade brasileira, pode-se entender que Maria, Malina e mais inúmeras gerações de mulheres foram ensinadas a renegarem seus cabelos. Esse discurso se materializou em práticas violentas como o próprio corte “joãozinho” sem forma e sem beleza, a falta de jeito e o medo em lidar com os próprios cabelos, o uso de produtos químicos prejudiciais a saúde para o alisamento, de ferro quente para

desestruturar os fios por demais enrolados uns nos outros, dentre outros. É interessante pensar com Bakhtin, a ideia de discurso e ideologia como planos de fundo da nossa vida em sociedade. Para o autor, a relação entre as pessoas e seus desdobramentos é um reflexo ou uma refração da linguagem. É na linguagem que acordos ou disputas presentes na vida são antes estruturados através do uso e da produção dos signos linguísticos. Em vias práticas, podemos aqui pensar que sobre o signo do cabelo negro foi-se atrelada de forma hegemônica, colonizadora, violenta a ideia de inferioridade, o que teve reflexo nas práticas acima citadas. Porém, Bakhtin vai além e afirma que a linguagem deve ser vista antes de tudo como um campo de disputas pela valoração de seus signos, que quando os têm refletidos permanece a mesma, mas no caso das práticas sociais responderem em forma de refrato, é possível que a mesma se modifique. É o que parece estar acontecendo atualmente com a ideia de corpo e cabelo negro.

Sou Witney: negra, linda e rica.

Quando ficou adolescente Malina adotou um penteado “playmobil”, ou seja, cabelos curtos com franja, alisados e muito pretinhos. E foi por anos da sua adolescência a “pretinha sensação” do seu bairro e por onde passava. Quem hoje vê seu cabelo crespo natural, não consegue acreditar que tinha gente que a chamava de Witney Houston! Poxa, ser chamada de Witney era o máximo! Negra, linda e rica. Cantora famosa! “Witney não deve ter passado por nada que um dia eu já passei!” pensava. (Pobre Witney, não aguentou a vida...) Era um cabelo bem cuidado e bonito, e que por muito tempo amenizou as tensões sociais que sua cor trazia.

Aquele cabelo também era prático, mas não durou muito tempo, porque seus fios finos se fragilizaram e se partiram todos. Aliás, a maioria dos fios dos cabelos crespos são extremamente finos e ressecados, e este é um dos fatores que faz com que eles se “embolem” tanto. A solução foi começar a cortar o cabelo novamente, e se não fosse aquela viagem providencial para Salvador em 2009, teria voltado para o corte Joãozinho novamente, mesmo que ainda não estivesse pronta para isso.

Salvador se apresentou para Mali como uma cidade que faz jus ao seu estereótipo: negra e linda. Alegre e sonora. Sofrida, mas sensual. Que encantamento foi estar no Pelô!

Tia Bebel, já estava de saco cheio daquilo lá, e deu tantas recomendações para que ela não fosse assaltada, se perdesse, ou gastasse dinheiro demais com bobagens, que se esqueceu de alertar – com todo o seu preconceito -, para que não se identificasse demais com aquela negritude. Era tarde demais.

“Onde estava toda essa gente tão parecida comigo enquanto eu sofria na minha singularidade?”. Corpos livres, que vendiam doces, bebidas, patuás e o que mais que fosse vendível; dançavam ao som de qualquer coisa, cabaça de coco virava instrumento, fio esticado virava instrumento, palma da mão também. E a capoeira? Mali sabia que a capoeira era um mega clichê de Salvador, mas e daí? Até as prostitutas paradas na frente das igrejas eram tão lindas e encantadoras.

Salvador não é uma cidade emblemática somente pela sua cultura carregada de ancestralidade beleza e negritude. Se deslocarmos nossos olhares da cultura para sua estrutura física, eu diria que é nela em primeira instância que se encontra o “X” da questão da cidade. Seu principal ponto turístico, o Pelourinho, localiza-se no seu ponto geofísico mais alto, em local privilegiado para quem quer ter acesso a uma vista deslumbrante da Baía de Todos os Santos, Mercado Modelo, orla e ao fundo Ilha de Itaparica. Sua utilidade seria perfeita para o *olhar de voyeur* se comparássemos com as defuntas Duas Torres Gêmeas que Certeau cita em “A invenção do cotidiano: artes do fazer” (1994). Lá do alto das mesmas, alguém que deseja ter um olhar privilegiado sobre a vida, pode, em paz, acompanhar todo movimento da massa homogênea, fria, sem graça e sem revelações de pessoas que circulam pela cidade no dia – a – dia. É um olhar totalizador e ignorante, o máximo que se pode ter quando estamos do alto. Para ver o povo como realmente é, é preciso descer.

Em Salvador, isso acontece ao contrário, e aí que está todo seu axé. É no alto, no lugar de privilégio que acontece tudo o que deveria estar embaixo. No Pelô, vê-se capoeira, candomblé, trombadinha, barraca de acarajé, de cocada, de cachaça, prostitutas, dançarinas, padres, vendedores, mendigos, cabeleireiras, ensaio do Olodum e mais um pouco. É como se o subalterno estivesse em cima, mas sem que necessariamente o hegemônico precisasse estar embaixo. Quem quiser se aventurar a ir

lá pode. Qualquer um pode, de carro, de ônibus, pelo plano inclinado ou pelo Elevador Lacerda visitar o Pelourinho. Difícil é sair ileso de lá.

Salvador salvou!

Sem que percebesse, Mali chegou a Salvador com os cabelos alisados e voltou para a Cidade Maravilhosa com exuberantes tranças nagô. Mal sabia ela que não teriam sido só seus cabelos os únicos a mudarem.

Estar numa cidade onde a maioria da população é negra, mostrou à Malina que a visão embranquecida que ela possuía sobre o mundo e, sobretudo sobre si mesma, era e ainda é apenas mais uma visão da realidade e que no caso pouco dialogava com seus corpo e sua identidade.

Foi a partir dessa experiência que muitas coisas referentes à estética e identidade de Malina tomaram outros rumos em sua vida. Quando retornou de Salvador, Malina retomou o trabalho de professora da educação básica na mesma escola que havia estudado, e o surgimento de uma aluna que um belo dia fez questão de imitá-la na fala, no andar, no cabelo, despertou em ambas um reconhecimento que até então não existia, algo inclusive muito parecido com o que aconteceu com o encontro com a namorada do cara chato da faculdade.

Chamava-se Aline, e elas eram as únicas negras na turma 103 de um dos colégios mais caros de Bangu (subúrbio do Rio de Janeiro). No começo do ano, assim que Malina e a turma começaram a se conhecer, havia muitas especulações por parte das crianças sobre o seu cabelo trançado (se era peruca, se ele já nascia assim) e apesar de toda sua paciência em explicar o que realmente era, às vezes, aquilo a incomodava.

Já pela quarta semana de aula, as crianças ainda não haviam se conformado com a aparência de Mali, e de vez em quando surgiam uns desenhos engraçados, ou Mali pegava-os contando algumas piadinhas nas rodinhas de conversa do recreio.

A grande surpresa na verdade, foi o fato de numa segunda-feira ao chamar a turma para formar na hora da entrada, Aline ter surgido com os cabelos iguaiszinho aos de Malina! Sorridente, ela se aproximou balançando suas lindas tranças nagôs de fios de *canecalon*²⁰ pretos com loiros, e fez questão de ser a primeira da fila.

“Não estou acreditando nisto!” Mali ficou boquiaberta, não sabia exatamente o que fazer – aliás, foi por se sentir exatamente assim naquela quarta no bandejão que fez

²⁰ *Canecalon* é um tipo de cabelo sintético, muito usado no aplique de tranças e de *mega hair*. *Mega hair*, como o próprio nome americanizado supõe, é uma quantidade significativa de cabelos que são implantados para dar mais volume ou alongamento aos cabelos naturais.

com que se lembrasse disso tudo. Inevitável não retribuir aquele belo sorriso de dentes ainda de leite branquinhos que diziam “estou bela como você, não estou tia? Nesse momento Malina lembrou-se que uma vez leu “O nosso cabelo é uma rede capaz de apanhar tudo, é forte como as raízes do cipreste e suave como a espuma do atole.” (KLUG, 2000)²¹. Aquelas palavras pareciam fazer sentido naquele momento.

E foram várias e várias vezes que Malina continuou sendo imitada por Aline. Numa outra ocasião, quando voltava da secretaria para a sala de aula, onde a turma havia ficado sozinha por uns minutos, e antes ainda de aparecer na porta, Malina ouviu a voz alta e aguda de Aline: “não tem o cabelo da tia Mali? É igual gente! Pega só nele!”, dando as mesmas explicações que ouvia sua professora sempre dar.

Naquele instante, pensou na tamanha crueldade que era uma menina tão nova ter que dar tantas satisfações a respeito de algo que não deveria ser questionado se fosse tratado com naturalidade, e que além do mais era uma coisa sua, seu cabelo! Se viu na sua própria infância, e por isso logo em seguida venerou intimamente a astúcia de Aline em espelhar-se em alguém com uma posição de poder naquele grupo (no caso a professora), para conseguir seu espaço também, e assim sobreviver a inquisição branca sobre cabelos não-lisos e não-presos em rabo de cavalo.

A partir daquele dia, o fato de ter gestos, falas e visual como referenciais para alguém, não tinha só atrelado sobre as costas de Malina um fardo de responsabilidade. Mais do que isso, a preocupação que passou a ter com suas características estéticas lhe possibilitou perceber do que realmente era feita. Que aquelas tranças, principalmente, representavam uma marca de quem era e ainda é: negra com cabelo de negro, diferente e única.

²¹ Paola Klug (2000) antropóloga, teve um dos seus registros de campo viralmente compartilhado nas redes sociais, blog femininos, blogs femininos-negros, blogs de poesia, dentre outros. O registro tratava de um ensinamento de uma avó para sua neta sobre a eficácia das tranças nas situações de tristeza que por vezes as mulheres são acometidas. Segundo a avó, toda vez que uma mulher estiver triste deve trançar seus cabelos e prender a tristeza nas madeixas. Não podemos ser desatentas com ela, porque é sentimento forte que se apegar a qualquer coisa: lágrimas nos olhos, palavras prestes a sair e café queimado. Por isso, o ideal para lidar com a tristeza são os nossos cabelos. Uma mulher deve trançar a tristeza em seu cabelo e dormir com ela bem amarrada, porque “ao acordar com o canto do pássaro, ele encontrará a tristeza pálida e desvanecida entre o trançar dos teus cabelos...”.

Em Bakhtin (2003) é possível compreender essa construção de si mesma através do olhar do outro pela qual Malina passou. Para ele um sujeito só existe sob a condição do olhar externo, “exotópico” (BAKHTIN, 2003) e completo que um outro sujeito pode ter sobre ele. Sozinhos nós podemos ter apenas ilusões sobre quem somos, pois não é possível nos olhar de fora, não é possível vermos nossa expressão facial quando estamos falando e nem vermos a arquitetura completa do nosso corpo quando nos expressamos. Perceber o que existe em nossas vivências para além daquilo que nós mesmos sentimos, só é possível quando há um outro para nos ajudar, ver por nós e nos fornecer algum retorno. Nesse sentido, somos ninguém sem um outro para nos ajudar. Sem o outro não existimos.

O dilema da identidade com o qual Malina se encontra algumas vezes é compreendido pelo autor como uma questão de alteridade entre os sujeitos e seus mundos. Para existir um sujeito deve existir outro, para que haja identidade eles precisam dialogar, e aí já se encontra a alteridade, ou a diferença entre eles. Esta diferença, embora já presumida com certo medo em nossa sociedade, deve ser compreendida para além da dualidade “ser diferente é bom ou é ruim”, deve ser compreendida como algo bom E ruim.

Para um sujeito como Malina que durante algum tempo só pode ter encontros com sujeitos que a olharam de fora e deram a ela o acabamento de “negra não branca”, pode-se dizer que a alteridade existente chegou na verticalidade das relações colonizadoras, sendo incorporada como algo ruim e mutilador de um corpo real. A resposta que suas atitudes de resistência ou de conformidade ao racismo puderam dar aos outros com que dialogavam provavelmente só diziam a eles que eles era “brancos”. Após o encontro com sujeitos que compartilhavam de corpo e condições sociais parecidas com a sua Malina, passa a ter um identificação e por isso um campo de diálogo horizontal, ou seja, os negros de Salvador passam a lhe dar o acabamento de “negra também negra”, o que fez total diferença na maneira como ela passa a se compreender no mundo, nos mais subalternizada, mas também pertencente a ele e dotada de um valor próprio. O resultado é que ao retornar ao encontro com os outros do seu primeiro ciclo social, Malina que já escolheu assumir um outro acabamento passa a dar-lhes como resposta de alteridade “brancos não negros”, o que passa a gerar incômodo, neste caso, na maioria de seus alunos. Com exceção de Aline, que

experimenta então identificação estética com Malina, o campo horizontal de diálogo e a alteridade positiva na formação da sua identidade.

Podemos entender de uma forma mais sucinta, que para Bakhtin (apud PONZIO, 2008) o processo indenitário possui algumas premissas ou etapas, quais sejam: depender sempre de um outro; da alteridade existente no encontro com o outro; das relações verticais ou horizontais deste encontro; do movimento de estar sempre em encontro e por isso experimentar tantos acabamentos quanto forem os encontros, e depois da escolha única entre quais deles deseja-se assumir.

O ENCONTRO COM HISTÓRIAS E PERFUMES,

3

Como um perfume, o *encontro* (PASSOS, 2014) com o rapaz – chato – no bandeijão ativou uma gama de memórias que embora com o tempo adormecidas, ainda atuavam no seu corpo, na sua enunciação e na sua compreensão de vida.

Histórias, e perfumes, são como fios de cabelos crespos emaranhados no topo da cabeça de uma mulher negra: precisam ser livres. Livres do quê deve ser feito, livres do que deve ser bonito, livres de como ser feito. Devem se apresentar em profunda sintonia com as ideias de sua dona, só assim carregarão sempre mantidas as marcas que lhe constituem, para que toda vez que for necessário visitá-las, as histórias lá estejam prontas para serem re-lidas, e os perfumes lá estejam para se combinarem mais uma vez com outros sujeitos.

O caminho de pesquisa de perfumaria se enunciou então nos encontros com as histórias já emaranhadas no próprio cabelo de Malina e também na possibilidades de novas histórias chegarem para se juntar. Por isso, ela decidiu ir à busca de outras narrativas de mulheres negras e seus cabelos. Na audição, ou escuta atenta a estas sujeitas, ela apostou que ali também estariam as redes de conhecimento, a enunciações que formavam essas mulheres, os conflitos, as soluções, tudo, tudo. Queria mais histórias para se embrenhar, e continuar seu caminho.

O problema era que talvez não pudesse contar com o destino para encontrar essas mulheres, assim como ele brilhantemente fez com que ela encontrasse o “chato do bandeijão”. Aliás, perdeu as contas de quantas vezes foi questionada nas aulas no mestrado, ou pelos amigos de pesquisa sobre como ela elencaria as sujeitas pesquisadas. Afinal, já tinha passado por mais da metade do tempo do curso, e ainda não tinha resolvido isso. As pressões eram muitas...

“Onde você vai encontrar essas mulheres?”

“Você também vai se pesquisar?”

Eram as perguntas em tons algumas – muitas – vezes irônicos.

Malina como sempre, no que se relacionava com o pesquisar, não tinha muitas respostas imediatas a não ser as embasadas pela sensibilidade á vida:

“Eu conheço um monte de mulheres que topariam falar comigo. Elas são minhas amigas.” Respondia.

Realmente existia um monte de mulheres, não necessariamente amigas, que topariam e até se ofereceriam para falar com Malina. Principalmente as que faziam parte junto com ela dos grupos no *Facebook*²² para mulheres com cabelos crespos.

Não dava para falar com todas, então Mali teria mesmo que colocar a mão na massa e estudar uma maneira de selecionar algumas delas.

Sensível ao mundo, sem se ausentar das respostas que é preciso dar a ele, se lembrou de quatro amigas que convivera com uma boa frequência durante os anos em que ela mesma passava pela libertação da “ditadura dos lisos” para a tomada pelas suas próprias escolhas sobre como usar seus cabelos. Mulheres que seriam interessantíssimas de serem ouvidas. Parecia que havia encontrado seu tão procurado “campo”. Falaria com elas.

Porém, mesmo com este detalhe praticamente já resolvido, Mali ainda se questionava se haveria algum problema em dialogar com pessoas que já afetaram ou foram afetadas pelo pesquisador, isto é, que já fazem parte do seu círculo de diálogos.

No seu achismo, achava que não. Afinal isto não tornava sua pesquisa tendenciosa ou anti-ética, porque todas elas ocupavam lugares bem distintos na vida e isto as tornava sujeitas com diálogos bem diferentes com o mundo. Além do mais, a maioria nem imaginava o quanto a sua existência e o diálogo com elas era importante para Mali no quesito cabelo e posicionamento estético-ético.

De longe, poderia até ser afirmado que a “única” interseção entre todas elas, além da amizade com Malina, era a opção pelo uso de seus cabelos livres de químicas desestruturantes dos fios crespos.

“Bom, isto é o necessário” pensou Mali enquanto buscava no celular os contatos de Lorena, Lygia e Ludmilla.

²² Grupos do Facebook “Cacheadas em transição” e “Coisas de uma cacheada”

CABELO DE LORENA

4

Era sábado de manhã. Dia de...?

Fazer tudo que não dera tempo de fazer no decorrer da semana: arrumar o quarto, lavar roupa, dar uma força pra mamãe limpando a casa, fazer a unha, e é claro, cuidar dos cabelos.

Este não era um ritual novo na vida de Malina, principalmente quando as atividades envolviam cabelos.

Desde quando se tornara adolescente e por isso tinha que estar com o cabelo sempre liso, as manhãs de sábado se repetiam no salão de beleza: alisantes que faziam arder o couro cabeludo, escova com vento quente e “prancha”; depois dedinho até chegar a casa para manter as pontas viradas.

Alguns anos depois, o ritual seguia um processo de tirar e colocar tranças ou tirar e colocar bigudinhos sábado sim, sábado não. Mas sempre aos sábados.

Sábado era o dia da semana reservado para fazer isso.

A diferença depois de algum tempo, e agora com o cabelo livre de químicas transformadoras, era que ela mesma se encarregava de cuidar deles. Por isso, estava também livre dos salões, fossem eles para torturas embranquecedoras ou alternativas para a fase da transição.

Acordada desde bem cedo, de roupa de fazer faxina, entre esperar uma parte do quintal secar para então lavar a outra, Malina partiu para cozinha onde já estava tudo separado: creme, azeite extra virgem, óleo de côco, maisena, mel e açúcar.

Nos últimos tempos ela acompanhava alguns canais no *youtube* e grupos nas redes sociais os quais ensinavam diferentes receitas de tratamento para cabelos, que qualquer pessoa poderia fazer em casa mesmo. Na sua maioria elas eram compostas de ingredientes da culinária, de preferência naturais ou orgânicos, que iam se misturando com os cremes. Algumas vezes a textura ou o cheiro não eram muito agradáveis, como por exemplo quando café ou babosa eram utilizados.

“Já vai passar meleca no cabelo?”, mamãe sempre implicava com as misturas caseiras..

“Sim, vou. Meleca das boas... Essa vai nutrir e dar brilho”. A resposta, sempre, na ponta língua.

Com a cabeça debaixo da água gelada que saía com força da bica do tanque, Mali ouviu bem longe alguém chamando no portão, mas óbvio não tinha como atender. Não demorou muito pra uma voz alta e alegre anunciar em plena lavanderia:

“Aaaah eu sou a próxima, tu fez mais dessa hidratação aí pra mim?”

Era Lorena. Com certeza era ela, e nem seria preciso tirar a cabeça debaixo d’água para averiguar.

“Claro que tem “miga”. Aproveita e pega logo uma toalha pra você e umas “piranhas” pra dividir esse cabelo.”

A Lore era a pessoa mais espontânea, e talvez por isso, também a pessoa mais alegre que alguém poderia querer como companhia. Voz alta e estridente, ela não tinha vergonha alguma de falar o que vinha à sua mente, expressar sua opinião sobre alguma coisa. Seu rosto, expressivo já denunciava logo o que ela estava sentindo, por isso era preciso ser alguém bem aberto às opiniões e livre de não me toques para gostar dela.

Porém, isso também não era algo muito difícil assim, gostar dela. Ela tinha o riso frouxo, a gargalhada tão larga quanto à própria palavra já o é: gar-ga-lha-da. Ria tanto, que era capaz de achar motivo para isso até na própria desgraça, e isto era revolucionário. Para Lorena e ao lado dela, não tinha “tempo feio”.

Resumindo, a Lore era uma mulher versátil. Aliás, a amizade das duas começou na versatilidade dos cabelos de Lorena, no decorrer de muitas conversas durante o período que ela decidiu largar as madeixas curtíssimas e alisadas, no estilo Halle Berry, e começar a desfilar com seu cabelo crespo.

Mas calma, não foi assim de uma hora pra outra.

Para entender o enredo da história dos seus cabelos, é preciso saber um pouquinho da sua própria história, porque sabemos ser impossível separar uma coisa da outra.

Bom, de qualquer forma, as coisas aconteceram assim para Lorena: desde a sua infância, como a maioria das mulheres negras, ter o cabelo crespo foi um problema pra ela. Doía muito pra pentear, e ela não entendia bem o porquê, se era o uso de pouco creme, se o pente era fino demais ou se simplesmente todos os cabelos doíam mesmo para ficarem penteados. Chorava sempre.

Então a mãe da Lore resolvia esse problema fazendo tranças. Tranças de todos os tipos para preencher a resistência ao pente e os treze anos vividos sem químicas no cabelo.

Parece, até agora, uma história sofrida sendo contada num sábado pela manhã num clima de intimidade e afetividade enquanto duas amigas cuidavam dos seus cabelos, mas não é bem sofrida assim.

Dizem alguns estudiosos que quando se trata de práticas cotidianas, sempre há uma *tática* (CERTEAU, 1994) para escapar da perversão da lógica dominante, e isso aconteceu com as tranças de Lorena.

Ela simplesmente era a sensação na escola quando criança, porque as tranças nagôs, rastafáris, twist e tantas outras, eram lindas e diferentes. Com isso, todas as outras amiguinhas imploravam para depois do horário de estudos, a mamãe da Lorena penteá-las também. Ficavam todas sentadas enfileiradas por ordem de chegada, organizadas pela própria Lorena, na hora da saída, para ganhar a beleza das tranças.

Como não dava tempo de trançar todas elas, o grupo frequentemente se encaminhava para casa da Lore, e lá passavam as tardes da infância tendo seus cabelos trançados.

Enquanto ouvia a continuidade da história, Malina ficou pensando no quanto que o amadurecimento é um processo que pode exigir bastantes mudanças para algumas pessoas. A Lore foi ficando mais velha, e lá para os seus treze anos não tinha mais graça alguma usar aquelas tranças.

Os colegas da escola não a viam mais no lugar da diferença positiva, pelo contrário, virou motivo de zoação pura, tanto com relação à infantilidade que as tranças denotavam quanto à ridicularização do penteado fora da moda e feito para cabelo de pretos.

O racismo, mais uma vez, se confirma prática construída e perpetuada, embutida cuidadosamente nos setores mais diversos da vida dos povos colonizados. Fazendo uma ponte de ligação expressa entre “Americanah” de Chimamanda Adichie (2014), “As tranças de Bintou” de Sylviane Deiouf (2004), e as experiências com tranças das nossas personagens percebemos que o uso de tranças apenas se torna prática inferiorizada quando no campo da subalternização das população negras. Vejamos:

Em “As tranças de Bintou”, Bintou é uma criança linda e muito amada por toda sua família que mora em (...). Durante a história colorida e alegre, ela divide conosco o seu drama feminino: não queria mais usar birotos como uma criança, ela desejava com todo fervor usar tranças, mas as tranças eram só para as mulheres e não para as meninas. O livro é recheado de exemplos positivos de mulheres da sua cultura, que já de tranças, carregavam inúmeras histórias de bravura e amor. Isto é o suficiente não só para alimentar a ânsia de Bintou pelas suas tranças, mas também para convencer o bom leitor de que tranças podem ser como troféus.

Na história de Lorena, no Brasil, no subúrbio do Rio, as coisas acontecem aparentemente de maneira inversa, ou seja, o uso das tranças é visto como algo “bonitinho”, “engraçadinho” ou “diferente” durante a infância, talvez com o argumento da inocência ou docilidade. Porém, a partir do momento em que a menina torna-se mulher e aí precisa ocupar ou desocupar certos espaços na sociedade, as tranças são obrigadas a carregarem consigo a ideologia da inferioridade e da subalternização.

Ao retornar para Nigéria, a personagem de Americanah (e agora nós também retornamos), explica sobre a sociedade de raças durante um diálogo com uma mulher que jamais saíra de Lagos. Elas conversam:

“Finalmente Zemaye disse: ‘Então você tinha um blog famoso sobre questões raciais nos Estados Unidos. Quando tia Onenu nos contou, não entendi.’

‘Como assim?’ (responde Ifemulu)

‘Por que questões raciais?’

‘Descobri que as raças existiam nos Estados Unidos e isso me fascinou.’”

Olhando para o cabelo feminino negro, vemos que tranças e racismo se combinam apenas nos espaços em que ainda há a hierarquização de cor e sexo. E se fora desses espaços elas são práticas potencializadoras, dentro deles elas podem determinar rumos não muito “positivos” na vida das mulheres.

Quando fez treze anos, Lorena foi ao salão de beleza do bairro e mandou alisar tudo.

Primeiro ela conversou com a mãe, explicou que não aguentava mais as “zooções” e ter sempre “a mesma cara”, então a mãe não se incomodou muito e autorizou logo.

“Eu saí do salão ‘me sentindo’ né? Hahaha! E o sonho de todo mundo: cabelos ao vento!”, ela ria em gargalhada aberta, naquele tom de riso da própria tragédia.

Tragédia porque elas sabiam o quanto o alisamento era um “sonho” momentâneo. Os fios ficavam lisos e esvoaçantes somente até a primeira lavagem após a aplicação da química no salão. Depois disso o cabelo, não ficava nem liso e nem crespo, a definição poderia ser esquisito mesmo, porque além disso tudo, ficava fraco e sem brilho.

Não demorou muito para Lorena virar escrava de todo um processo para manter os fios disfarçados da sua negritude. Escova e prancha, escova e prancha, escova e prancha. Enquanto ela falava sem parar separando o cabelo e enluvando as mexas com a hidratação, Malina foi longe no pensamento se lembrando da sua época alisada. “Uuurg! Aquilo não era vida!”.

“Na verdade com aquele cabelo esticado, que preso em rabo de cavalo ficava espichado sem movimento, eu tentava disfarçar que eu era negra, eu não me assumia, ficava me escondendo..” continuava Lorena

“Opal!”, e um alarme mental tocou na cabeça da Malina na hora que Lore disse aquelas coisa sobre ser mulher negra, se assumir, se esconder e o cabelo nisso tudo. Esta parte era importantíssima para a pesquisa e por isso esperou mais alguns minutos ouvindo, antes de enxaguar o cabelo.

A Lore também sofreu com a chateação e a tristeza consequentes das inúmeras zooções que os colegas faziam, para ela, alisar o cabelo era uma busca incansável por ser igual às outras meninas e assim ganhar um pouco de mais. Mesmo que isto lhe custasse algumas queimaduras no couro cabeludo, horas e mais horas na frente do espelho e principalmente negar a cor da sua pele.

Com o passar dos anos, o jeito de usar o corte do cabelo mudou, mas ele continuava alisado e cansativo.

Mais velha e trabalhando, Lorena conheceu uma colega de trabalho e teve a oportunidade de acompanhar sua transição capilar para cabelos maravilhosamente e assumidamente encaracolados. Alguns meses de cortes e hidratações e de repente sua amiga Ana estava usando com orgulho os cabelos livres de químicas. Cada dia ela usava

um novo penteado e novos acessórios. Ela estava sempre tratando e falando dele, exibindo enfim o seu grito de liberdade.

Isso foi inspirador, e assim Lorena deu seu primeiro passo para não mais usar o cabelo alisado, e ele foi colocar tranças.

Colocar tranças é sempre a opção mais escolhida pelas meninas que começam a encarar a transição, isso se dá porque as tranças escondem a textura dos fios e não deixa que a diferença entre a raiz e o resto do fio alisado seja percebida. Esta diferença caso fique à mostra pode ser terrível nesse momento sensível e duvidoso pelo qual as mulheres negras passam. A Lorena mesmo se questionava sobre “como um futura nutricionista se apresentaria com *aquela cabelo?*”, o que iriam pensar dela?

Com as tranças, normalmente é mais fácil superar os olhares que apontam e cutucam a diferença, algo que não é possível quando os fios estão alisados. O alisado nos desprotege.

Elas riram quando se lembraram de que no primeiro dia de tranças, pretas e compridas, Lorena foi à casa de Malina para que ela desse a sua opinião. “Estava linda, eu me lembro! E lembro também que eu te falei para tomar um remédio caso a dor de cabeça fosse muito intensa.” Reforçou Mali.

Nove meses de trança e aí um belo dia Lore estava pronta para o seu *big chop*, chegou decidida no salão e mandou a cabeleireira cortar tudo. Todo mundo achava que era um absurdo cortar toda a parte lisa e deixar apenas alguns centímetros de raiz. Isso significava cabelos além de muito curtos, crespos! Mas para ela nada importava.

O Big Chop, ou grande corte é um corte de cabelo o qual retira-se todo comprimento dos fios que está alisado, e deixa-se apenas a parte curta. O nome Big Chop, eu desconfio que tenha relação com duas dimensões desta prática. A primeira referente ao corte em si, pois normalmente as mulheres deixam que o cabelo fique bem grande e aí cortam, fazem um grande corte, dispensando a maior parte dele.

A segunda dimensão diz respeito questão emotiva que envolve esse corte, pois muitas meninas procuram ajuda e apoio antes de decidir fazê-lo. Ajuda no sentido de encontrar o melhor corte para o seu formato de rosto, estatura, etc. e apoio, pois esse é exatamente o momento em que memórias brancas em sua

maioria cruéis caem por terra. Fica ali naquele corte tudo de ruim e de bom que foi vivido com o cabelo alisado, e nasce então, uma nova mulher. Livre.

Pode uma mulher negra falar?

Os fios, ainda ressecados em função do longo período com tranças, precisaram de uma hidratação que foi feita na hora mesmo. E os primeiros passos que a Lore deu para fora do salão pareciam, segundo ela, os primeiros passos que ela estava dando para uma nova vida, uma vida mais dela mesma.

Muita coisa havia mudado desde então. Agora, ela poderia lavar os cabelos todos os dias, e lavava com prazer, sentindo a água que demorava a chegar no couro cabeludo encharcando fio a fio e fazendo pesar aquele novo cabelo. Sem precisar secar obrigatoriamente, sem precisar fazer mais nada, a não ser algumas hidratações. E aquela já estava chegando ao fim.

Mas Mali lembrou-se de fazer algumas perguntas sempre interessantes e provocadoras a respeito da associação cabelo, raça e racismo, e mais uma vez a Lore desembestou a falar e falar...

“Olha, se eu soubesse que ter cabelo crespo era tão bom assim, eu já tinha optado por isso antes! Eu me sinto muito mais mulher, e até a minha mãe se inspirou em mim e cortou o dela também. E o Loan (namorado dela)? Ele amou também! Mas ó, quer ver me deixar irada? É alguém virar pra mim na rua e falar ‘ai eu adoro o seu estilo’. Eu respondo logo, você sabe Mali que eu não tenho papas na língua: ‘Não é meu estilo!!! É meu cabelo. Ele é assim.’ É difícil para as pessoas aceitarem que o cabelo crespo nasce assim bonito também.”

Ela tinha razão, Lorena, Malina, e a maioria das mulheres negras de cabelos crespos também ouviam comentários do tipo “o que você faz para ele ficar assim”; “e quando molha?”. Uma inquisição branca persistente, que encontra em qualquer possibilidade de empoderamento, em qualquer possibilidade da mulher negra de ser negra com seus próprios fios e suas próprias palavras, brecha para a imposição da dúvida sobre identidade, sobre subalternidade sobre enunciação. Eles apostam na insegurança.

A linguagem em Bakhtin (1992) é produtora e ao mesmo tempo produto das relações humanas sejam elas afetivas, políticas, econômicas, etc. Na boca dos homens, ela é sempre viva, moldável, potente, e serve. Serve a quem, no singular ou no plural, tiver mais poder, ou acredita tê-lo, sobre ela. Tem seu hospedeiro genuíno, a palavra. Mas também pode estar presentes nas imagens, na música, nos sons, símbolos, gestos e no corpo.

O corpo fala, por isso nos processos de colonização também os corpos negros foram ignorados. O corpo negro fala alto, nas suas culturas vindas de África carregavam nos seus corpos a mesma a autoridade que palavra a tem na potencialidade da linguagem.

O corpo negro nunca deixou de falar, ele apenas foi por muito tempo *não-ouvido* e agora que parece retomar a palavra enunciando com cabelos, danças, jogos, arte, música, intelectualidade, os ouvidos e holofotes se voltam para ele.

O que querem dizer estas negras com seus cabelos?

Tentemos falar mais uma vez por elas, antes que elas falem alto demais.

E insistem: é estilo? É seu? Quando você vai mudar? Não vai mais fazer escova? Meu sonho é que fosse assim.

Se por um lado isto reaquece as tensões raciais, por outro reforça a rede de afetos e conhecimento que tem sido tramada entre essas mulheres.

CABELO DE LUDMILLA

5

O Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro abrigava naquele Junho a encantadora exposição fotográfica de Sérgio Guerra “Hereros –Angola”. Eram fotos de um povo nômade que transitava entre os países de Namíbia e Angola na África. Com cultura aparentemente bem distinta da nossa, as fotos traziam belas pessoas cozinhando, se divertindo, envolvidas em seus rituais de passagem, em momentos de nascimentos, de morte, de higiene, cuidando umas das outras ou simplesmente posando para fotos.

O grupo de pesquisas que Mali fazia parte combinou de levar as conversas sobre *cultura e identidades no cotidiano*²³ para o museu e dialogar também com aquelas fotos enquanto liam Fanon (2008) embaixo de um ombrelone branco na manhã de uma quinta-feira calorosa apesar de Junho.

Ao final de tudo, quando cada um já se dirigia para seus meios de ir embora (carro, metrô, ônibus), Malina e Ludmilla que pegariam o ônibus no mesmo terminal, (logo em frente ao Museu) , naqueles quinze minutos em que aguardavam fizeram surgir conversa sobre cabelos, pontapé inicial da aproximação entre as duas.

Ludmilla é uma mulher negra maravilhosa. Capoeirista e pesquisadora do diálogo entre apelidos na capoeira e o racismo, ela entende muito bem sobre questões raciais & feministas no Brasil, atuando de maneira ativa no tensionamento e no combate às ações racistas cotidianas. Mesmo quem não sabe de nada disso sobre ela, pode ter alguma pista apenas ao olhar para sua encantadora aparência: alta, magra, com um cabelo crespo para o alto, roupas leves que estão na moda ainda que não se preocupem com ela e um semblante de impor respeito a qualquer um. Ela não dá conversa para qualquer pessoa, a não ser que o assunto seja inteligente e ético.

Aparentemente para Mali, na primeira conversa que tive com Ludmilla, o tema cabelo não carregava os quesitos inteligência e ética, e era apenas mais um “bate papo enquanto o ônibus não vem”. Até que alguns anos se passaram e a Lud virou além de sujeita da vida, “sujeita da pesquisa” de Malina.

²³ Grupo de Pesquisa Coordenado pela professora Dr^a Mailsa Passos

A conversa de 2013 fluiu com questionamentos, dicas e incentivos mútuos a respeito do uso dos cabelos livres de químicas desestruturantes dos fios. Enquanto Lud já descobria modos de ser e de fazer com seus cabelos, Malina ainda era dependente do permanente afro, e muita coisa mudou desde então para as duas, Mali conseguiu assumir seus fios, e Lud deslanchou na sua ascensão estética, ética e enunciativa das vozes das mulheres negras que não suportam mais estarem à margem da sociedade, ou quando no centro, submissas.

Em uma terça-feira à tarde, Ludmilla abriu as portas do seu lindo apartamento em Santa Tereza para receber Malina, e mesmo que não fosse a própria Lud a recepcioná-la, não seria difícil dizer que o “apê” era dela mesma: um delicioso perfume de pau santo, discos muitos discos pela ampla sala, fotos dela dançando coladas nas paredes, e pés descalços para todos que ali fossem convidados a entrar.

“Mali! Que booom te ter aqui!! Antes de você chegar, estava aqui lembrando daquela conversa que uma vez tivemos na saída do museu, lembra?”, recepcionou Ludmilla, confirmando que as importâncias das marcas deixadas pela aquela conversa antiga eram as pistas para a continuidade na pesquisa.

Elas se sentaram no sofá aconchegante e ali conversaram por mais de três horas sobre as suas vidas de mulheres negras nesse mundo.

Ludmilla começou lhe contando sobre a sua infância, sobre as tranças – sempre tranças – que domavam e escondiam os cabelos crespos e muito finos durante os seus primeiros seis anos de vida. Às vezes duas “maria chiquinhas de tranças”, às vezes uma terceira no meio, mas sempre trançado, esse era o penteado oficial do seu cabelo.

Na escola, também sofreu por isso e viveu conflitos com a sua cor de pele. Não queria ser preta, queria ser marrom. Não queria seu nome, não queria estar naquele lugar escola de branco na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Certa vez, cansada dos xingamentos, levou um bando de meninos pra dentro da sala da diretora e tocou o rebu porque os moleques falavam que seu cabelo daria um bom Bombril. A confusão foi armada, mas ela nem se lembrara de qual tinha sido o fim que daquilo tudo. Lembra-se sim, da justificativa furada e ainda mais racista deles: “não estávamos falando dela, estávamos falando da mãe dela.”.

Quando fez sete anos o alisamento chegou á sua vida, e fez ela se sentir o máximo mesmo depois de algumas horas com um cheiro ruim no cabelo. Era o grito de

liberdade daquelas tranças e das dores na hora de pentear, mas só até pisar no pátio da escola novamente.

Lá foi a Ludmilla de cabelo esticado, agora não mais preso em tranças. Ele estava preso apenas dos lados, mas estava solto no meio e aquelas mechas soltas balançavam. Era ótimo, mas nem tanto. Chegou ao grupo de coleguinhas e teve que se explicar: “que cabelo é esse? É seu mesmo? É de verdade?”. Liberdade ilusória, Lud era apenas mais uma mulher negra dando os primeiros passos na “batalha nossa de cada dia”, de justificativas e mais justificativas sobre os seus próprios corpos, os seus próprios cabelos.

Durante a adolescência pouca coisa mudou. Aos seus quinze anos conheceu um famoso salão de beleza que se dizia especializado em cabelos “afros”, foi por indicação de uma amiga que também tinha cabelo crespo os quais ficaram maravilhosos após o uso dos relaxantes até então naturais que eram usados lá. O problema é que cada cabelo tem a sua estrutura, e os fios da Lud são muito, muito finos e o que os torna suscetíveis a ação de qualquer tipo de química que mexa com a sua estrutura. Grosso modo, ele tende a alisar. Além disso, a química do salão que na época estava iniciando no mercado era fortíssima causando conseqüentemente queimaduras frequentes e alergias no couro cabeludo.

Não deu outra. O cabelo da Lud adolescente nem cacheava e nem alisava, e ela encontrou como saída estar com ele sempre molhado e com bastante creme.

O excesso de creme e química começou a interferir na saúde da pele (linda, diga-se de passagem) de Ludmilla, e ela começou a diminuir o ritmo das agressões inconsciente ao próprio corpo, isto porque agora elas começavam a se tornar conscientes.

Nessa mesma época, quando iniciou na Capoeira Angola Lud começou a conhecer outros *outros*, pessoas que estavam ao se redor, e vozes até então *não ouvidas* habitantes do seu próprio corpo, que pela capoeira era cada vez mais conhecido, percebido, tensionado e falava com o mundo. Assim, ela foi se tornando uma *praticante* (CERTEAU, 1994) cada vez mais ativa, que refletia com seus pares também capoeiristas negras e negros sobre questões raciais. Veio a dança Afro, aprendeu a usar branco na sexta, conheceu os Orixás, veio o resgate da história de família no Candomblé.

Essas mudanças promovidas tanto pelos encontros com sujeitos que compartilhavam das mesmas questões, quanto pelos resgates das suas memórias, cresciam em Ludmilla assim como as raízes crespas que agora se mostravam porque as químicas já não eram tantas.

Já era o momento de cortar. Buscou estímulos, conheceu seu grande amor e agora atual marido, teve uma amiga que influenciou muito. (Elas sempre aparecem)

No dia dois de fevereiro de 2011, dia da grande Orixá Iemanjá, Lud cortou o cabelo todo. Também foi o grande dia dela.

“Tudo mudou, foi um marco: A forma de olhar e ser olhada pelo mundo, veio a militância mais forte, consciente, praticada.” Contava ela com o olhar firme, enquanto Mali ouvia e ouvia com pequenas interferências que concordavam profundamente com tudo que estava sendo rememorado, afirmado e enunciado como diálogos necessários para os próximos tempos.

Ludmilla percebeu que não era mais olhada na rua como antes, e para compreender o que estava acontecendo foi preciso muita indicação de leituras fruto das intensas trocas com pessoas que já haviam passado por isso.

Mais uma vez se coloca a importância das redes de saberes e afetividades presentes nas trocas de experiências entre mulheres negras e seus cabelos crespos. Esta rede não atua apenas no incentivo para que uma mulher siga em frente nesta empreitada por estar com seus fios livres de químicas. Esta rede não atua somente nas trocas de *maneiras de fazer* com os fios produzindo, trocando e ampliando saberes, ela está presente também, e de maneira muito forte, nas trocas de conhecimento formal, “alargamento de consciência” como em Miotelo (2013) (por livros ou conversas) com sujeitas que já viveram a mesma experiência.

O cabelo negro atua em todos os fios que compõe a mulher, está na sua estética, na sua intelectualidade, no seu posicionamento político, na sua fala, na sua vida.

Mesmo com o cabelo bem grande e bonito, em 2014 Lud decidiu usar tranças por querer mudar um pouco a aparência.

Em um sábado agitado no Rio de Janeiro, procurou pela região do centro da cidade um salão especializado em tranças *rastafári*²⁴. Não foi muito simples achar pois naquela região a maioria dos salões servia às mulheres que trabalhavam por lá. Mulheres sempre empacotadas em roupas sociais, impecavelmente maquiadas, geladas dos ares-condicionados potentes dos escritórios, e para completar com cabelos definitivamente escovados, não importava se eram gerentes ou copeiras, negras ou brancas, todas elas se enquadravam (de segunda a sexta) nesses padrões. Portanto isto significava que os salões eram especializados em alisar, em enquadrar.

Ludmilla contou com indicações de amigas que já haviam feito tranças, e achou já quase pela hora do almoço, uma portinha de metal e vidro próximo à Praça XV que ao ser aberta deixou escapar o som de India Aire e o perfume de um incenso que queimava no balcão logo na entrada à esquerda. A pequena sala tinha as paredes pintadas de amarelo com uns riscos desordenados na cor vermelha. A única parede que não estava pintada era a que ficava de frente para as clientes quando elas se sentavam para serem atendidas. Era uma parede toda coberta de colagens de revistas com reportagens, editoriais de moda, propagandas ou simplesmente algumas imagens de mulheres negras. Um aviso explanado sobre o que as clientes deveriam pensar, enquanto estivessem ali, ou quem sabe também um aviso sobre o que elas deveriam passar a falar sobre, e quiçá se tornarem depois de passar pelo estabelecimento.

Não estava muito cheio, das três funcionárias irmãs que ali trabalhavam duas estavam ocupadas, uma na recepção fazendo contabilidade do dia anterior e a outra trançando em tranças *nagô* o longo cabelo de uma mulher magra e alta, muito loira, muito branca e com os olhos muito azuis que muito mal disfarçava entre mexer no celular e folhear uma revista velha, seu olhar admirador, às vezes vidrado, para as outras mulheres negras presentes no salão. Devia ser alguma turista, que próximo à época do carnaval apostava nas tranças na sua busca por algum ponto de *negociação* (BHABHA, 1998) com a cultura popular a qual teria contatos imediatos de primeiro, segundo e terceiro grau durante quatro dias.

²⁴ *Rastafári* é um tipo de trança que é feita em mechas do cabelo ficando presa à raiz somente no seu início. Na maioria das vezes é confeccionada com a mistura de cabelos naturais e apliques para que tenham um bom comprimento. É preciso consultar um profissional em tranças antes de colocá-las, pois o aplique em excesso pode fazer com que as tranças fiquem muito pesadas e machuquem quem for usá-las. Normalmente elas têm entre 1cm e 2cm de largura e pesam 1kg.

Ludmilla entrou, concordou com o preço e sentou-se na cadeira rodante ao lado da “turista encantada”, que nem um pouco lhe incomodou porque já estava acostumada com esses olhares, e pediu por tranças com comprimento bem longo, que alcançassem a linha abaixo dos seus ombros. Ficou ainda mais bonita!

O costume com os olhares curiosos e preconceituosos é algo brutalmente aceito pelas mulheres negras de cabelo crespo. Estar andando na rua e não ser mais desejada pelos homens que de maneira machista se sentem no direito de adjetivar-nos de qualquer palavra de cunho sensual e vulgar, é um dos combates de todas nós mulheres e tenho certeza será uma grande conquista quando cessarem esses abusos verbais.

A questão da mulher negra de cabelo crespo e o olhar do outro curioso é tensa quando o desejo se transforma em preconceito ou exotismo porque no lugar do cabelo longo alisado, está agora o cabelo crespo para o alto, o que aponta a autorização em ser mais ou menos mulher porque se tem o cabelo para baixo ou para cima.

No lugar das palavras hipersexualizadas vêm as palavras racistas, e então não há avanço algum para nenhum dos lados. Do machismo para o racismo, do abuso de gênero para a ofensa de raça.

E muitas vezes como *tática* (CERTEAU, 1994) finge-se não ouvir, assim como coloca-se o cabelo mais para o alto ainda. Vive-se, apesar de e com o machismo e o racismo duplamente violentos sobre nós.

Na segunda-feira seguinte quando chegou à escola que dava aulas de capoeira para crianças pequenas, a Tia Lud foi ovacionada, tocada, abraçada porque agora parecia uma princesa.

Mali teve um estaque de pensamento e foi longe no emaranhado de sentimentos de surpresa, tristeza, entusiasmo, encantamento enquanto ouvia Ludmilla falar. Pensou mesmo que vivemos sempre nessa corda bamba, nessa linha dupla, neste lugar sempre tensionado onde até o elogio nem sempre é elogio. Ser princesa é o sonho de toda menina, de toda mulher. Mas e quando o preço pago para ser princesa é negar aquilo que te constitui, seu cabelo?

Isto implica em refletir duplamente sobre qual a ideologia criada em torno do ser princesa para cultura ocidental e ao mesmo tempo sobre a condição das mulheres que carregam o cabelo que cresce para o alto e não o que cresce para baixo. Mulheres negras não serão nunca princesas?

Na fração de segundos que foi longe pensando nisso, Malina retornou ao papo *alargador de consciência* e teve o prazer de continuar ouvindo Ludmilla falando sobre suas ações cotidianas.

“Pois é Mali, a verdade é que as princesas que nos apresentaram durante toda nossa vida tinham sempre o cabelo longo, dando a entender que eram meninas sensíveis, doces e femininas. Depois, quando cresciam, cortavam os cabelos e se tornavam rainhas, mãe de família, braço direito dos maridos, donas do reino. Por isso que a gente fala que, nós mulheres negras, já nascemos rainhas porque nosso cabelo desde sempre cresce para cima, aparentemente sempre curto.”

Mulheres negras são sempre rainhas?

É interessante o uso das mesmas simbologias que reforçam a subalternização da mulher negra nas ações justamente empenhadas em resistir a esse processo cruel e doloroso, na empreitada em subvertê-lo. Ser princesa e depois rainha conforme a cronologia ocidental, marcada pela padronização dos cortes de cabelo da mulher, e que se estende a outras maneiras de enunciação, é lógica que não se aplica aos rituais de amadurecimento das mulheres negras, não se aplica ao cabelo destas mulheres e nem às experiências do diálogo entre esses dois.

Para alguns grupos de mulheres negras a menina se torna mulher quando abandona as tranças e passa a utilizar o cabelo solto; para outros a passagem é marcada pela permissão para o uso das tranças; para outros é a utilização de acessórios na cabeça que sinaliza este momento, e são inúmeras as simbologias que materializam o amadurecimento. Nenhuma delas dialoga com o cabelo que cai pelos ombros.

Na continuidade do papo que já invadia o final da tarde e o pôr do sol de Santa Teresa, e por isso dava sinal que se encaminhava para o fim, Ludmilla reforçou seu discurso de briga cotidiana e tática convidando Malina para juntar-se à ela e as suas

amigas em um novo grupo de fantasia para o carnaval de 2016, que já era na próxima semana.

“A gente vai sair de ‘branca maluca, cê topa?” Lud fez o convite.

“Nossa! ‘Branca maluca’ vai ser demais!” Malina vibrou com entusiasmo.

A ideia era exatamente o que o nome parecia querer dizer, uma resposta na mesma moeda a uma das fantasias mais usadas nos carnavais: a da “nega maluca”.

“Negra não é fantasia, as pessoas tem que parar de nos coisificar.” Ludmilla prosseguia.

E ela tinha razão. Malinas, Ludmillas, Lorenas, e tantas, também estavam cansadas de serem ridicularizadas com fantasias de cabelos sempre muito para o alto e embolados, bundas enormes, roupas com cores extremamente vibrantes, muito batom vermelho e acessórios (flores, brincos, pulseiras e cordões) em excesso.

Na verdade, a resposta não era apenas para ao estereótipo que circula no carnaval, era também uma resposta aos outros exemplos do quanto mulheres negras ainda são tratadas como objetos numa vitrine que ficando expostos o tempo todo podem ser tocados, opinados e em ultimo grau de racismo e machismo até mesmo comercializados.

As duas concordaram com indignação sobre a frequência com que as pessoas pedem para tocar em seus cabelos (mesmo que sejam desconhecidas), ou sugerem flores e faixas a serem usadas constantemente (como se fosse uma condição para o uso do crespo). Algumas sugerem que você deva cortar um pouco “porque já está muito alto”, outras reprovam se você teve vontade de mudar de cor inclusive acusando de “querer ser branca” se a cor for loura.

Por conta desse turbilhão de situações reais, Ludmilla reforçava a cada fala a sua opção por estar na militância por um espaço justo na sociedade para as mulheres negras.

A opção pelo cabelo crespo é também a sua bandeira estética nessa empreitada ética e política. É o seu assumir e responder com toda vida, “ato responsável” (BAKHTIN, 2010), sobre as suas convicções, sobre o que você escolheu fazer do seu ato de enunciação neste mundo, porque para ela e para todas as mulheres negras ainda é sempre necessário gritar para um outro que insiste em ignorar-lhes a palavra.

O telefone tocou, e era Maria perguntando se Mali já estava terminando para elas retornarem juntas para casa, já que seu trabalho era ali perto.

Ainda que não desejassem, já era mesmo hora de pausar aquele papo que jamais se cessaria habitando outros ouvidos, depois outros escritos, outras vozes, outros cabelos...

A ideia da 'branca maluca' ficou pelo ar, e Malina já pensava em 'batõezinhos rosinhas', salto fininho, minissaias rodas, bolsinhas e até cachorrinhos debaixo do braço.

CABELO DE LYGIA

6

Malina estava muito satisfeita com as conversas enriquecedoras que vinha conseguindo tecer com suas amigas sujeitas pesquisadas. Talvez estivesse mais encantada do que satisfeita. Havia se preparado para ouvir sobre ações específicas de cuidados com os cabelos e tensões muito sérias na fase de transição, mas as falas de Lorena e Ludmilla estavam lhe mostrando a enorme dimensão de histórias que um cabelo crespo pode abrigar e o quanto ela havia de aprender com elas. Histórias que falavam de conscientização, empoderamento, completude, afetividade, resistência e alegria.

Sua maior incógnita porém, foi estar frente a frente com uma mulher que ela havia estudado junto durante um ano, criado laços de identificação gostosa, mas jamais tocado em sequer um fio de prosa sobre cabelo, a Lygia. Por isso, um misto de curiosidade e até mesmo insegurança tomavam de calafrios a barriga de Malina enquanto ela aguardava por Lygia, no *hall* da UERJ numa terça-feira chuvosa em pleno verão.

Enquanto Malina estava toda encapotada por causa da chuva, usando botinhas, calça jeans e blusão (uma péssima mania dos cariocas de associar chuva ao frio), Lygia chegou vestida em roupas despojadas tão bem harmonizadas em cores e tecidos que eram um bom exemplo de elegância com casualidade. Abraçaram-se como duas amigas de escola que matavam a saudade após um longo período de férias, e talvez fosse assim mesmo que se sentissem.

Logo trataram de subir alguns andares e procurar por uma cantina para tomar um cafezinho. Decidiram parar no décimo andar, acharam uma lanchonete que vendia alimentos naturais, pediram um café puro e um com leite, mas não sentaram para consumir. Resolveram ir para “a esquina”, um espaço organizado com bancos onde as pessoas paravam para conversar, lanchar, descansar, se manifestar, etc. A UERJ estava vazia porque era período de férias, e isto possibilitou que a conversa fluísse durante horas sem que fosse atravessada por outros papos de outras pessoas.

A história da Lygia e seus cabelos crespos trazia consigo um penteado diferente das outras histórias que Malina tinha ouvido, inclusive diferente da sua própria

história. Ela não começava marcada por uma questão estética e nem começava marcada por uma questão política. Começava, pois, pela dobradinha da rebeldia de não ser mais como todos a obrigavam a ser, conjugada com o conformismo em aceitar-se daquele jeito – ruim – mesmo.

Na família de Ly, formada por pais e tios com a pele negra, mas num tom claro em função da união de antepassados de cor de pele diferente, todos optaram em serem morenos ou mulatos ao invés de serem negros. Isto estava presente nos círculos de amizade formados por pessoas da alta sociedade de Barra Mansa, presente na vida financeira que com muito suor buscava ter para acompanhar esses amigos, presente na frequência de Lygia nas escolas mais caras as quais os donos eram os próprios amigos, e no alisamento do cabelo de Lygia presente desde a sua infância.

A negação à negritude estava na abominação que a pequena Ly tinha em usar tranças, “porque se eu usasse tranças meus amigos iriam perceber que eu era diferente”. Só não esteve presente numa tarde de sexta-feira, quando após mudar de escola Lygia chegou a casa chorando porque não tinha amigos. Sentada no colo da sua mãe, chorosa, e a Tia Alice olhou para Lygia, olhou para todos e sentenciou:

“A Lygia não tem amigos porque ela é preta.”

Embora não se lembrasse qual foi o desdobramento daquela revelação, a marca deixada na pequena Lygia tinha sido suficiente para se emaranhar aos outros fios do seu cabelo de histórias e ali ficar até os dias de hoje, quando contada em meio a gargalhadas.

Ly sempre esteve insatisfeita com seu cabelo, e os motivos eram inúmeros: ele não balançava como o das outras, ele não crescia no tamanho – longo – como o das outras meninas, ele precisava de tratamentos que a feriam e por fim ele caía. Caía com frequência e cada vez mais.

Em 1999, ano da sua formatura no Ensino Médio, ela descobriu por acaso um produto químico que quando usado junto com a *chapinha* alisava ainda mais o cabelo e fazia com que ele crescesse. Realmente estava funcionando, e até o dia do baile Lygia tinha certeza absoluta que estaria perfeito. Mas não.

Na primeira semana de dezembro (semana da formatura), após a última aplicação do produto, Lygia chegou a casa e foi testar alguns penteados. Tinha em mente *trança embutida*, ou *coque alto* com alguns fios soltos, era moda usar estes modelitos. Porém, quando passou a mão da frente para trás da cabeça no intuito de

prender os fios e prendê-los em um *rabo de cavalo*, eles soltaram todos do couro cabeludo, como quem tivesse passado a gilete. Os olhos encheram-se de água, fez-se um nó doloroso na garganta, as mãos frias e o corpo trêmulo anunciavam: não dá mais. Os fios continuavam a cair e cair pelo chão junto com todo seu investimento de um ano, junto com sua expectativa para o baile que já era dois dias depois, junto com ela mesma que sentada na cama se olhava fixamente no espelho.

“E agora?” era só o que lhe passava pela cabeça.

Uma hora depois de um silêncio absoluto e profundo, trancada dentro do seu quarto, ela levantou-se, pegou a bolsa, o dinheiro e saiu. Parou no primeiro salão de beleza que encontrou no seu bairro, aguardou para ser atendida sob os olhares curiosos das outras mulheres que lá estavam. E quando chegou a sua vez ordenou curta e grosseiramente: “Corta! Corta tudo!”.

A cabeleireira espantada se recusou a fazer aquela loucura. Não era possível, em 1999 uma mulher querer cortar o cabelo todo, e o pior de tudo deixando somente a parte crespa.

“Era uma loucura!” interrompeu Malina aquela memória emocionada que se revelava na sua frente.

“Sim, era. Mas à beira da loucura eu estaria caso continuasse a me penalizar daquela maneira. Na minha cabeça Mali, só passava o seguinte: meu cabelo é ruim mesmo, duro mesmo, nunca vai ser bom, então é melhor se conformar.”

Ela estava acostumando-se com a inferioridade, tomando para si o pior lugar porque achava que era ali o único ponto onde iria chegar e de onde nunca deveria ter saído. Sofria nos cabelos a ação cruel e desigual que o racismo exerce na mente de negras e negros brasileiros.

Lygia chegou à formatura de corte Joãozinho, e para sua surpresa foi ignorada, ninguém se espantou, ninguém falou nada. Algumas pessoas olharam fixamente num primeiro momento, tentando entender o que tinha acontecido. Porém, sem encontrar respostas, elas esqueceram.

Depois daquele primeiro corte, Ly decidiu ficar mesmo com o cabelo crespo. Passou no vestibular e foi estudar no Rio de Janeiro numa época em que os sistemas de cotas ainda não operava nos processos seletivos para o ensino superior o que, por enquanto, não alterava o quadro das universidades públicas cursadas em sua grande

maioria por alunos brancos. Assim, no curso de Pedagogia, ela e mais uma aluna eram as únicas negras presentes.

Durante a semana morava em república e aos finais de semana voltava para casa e ouvia os piores adjetivos que os familiares morenos e pardos poderiam usar para apontar a “patinha feia” que cismou em ser negra.

Depois de algum tempo no Rio, teve um namorado que certa vez lhe convidou para ser madrinha de casamento junto com ele. Para tal evento precisaria se adequar aos padrões de beleza a altura do mesmo, e para mulheres isto significa depilar pernas e axilas, fazer as unhas, “limpar” as sobrancelhas e é claro (e principalmente no caso das mulheres de cabelo crespo) tratar dos cabelos, ou seja, alisá-los.

Impregnada não mais pela rebeldia, mas sim pelo modo *hippie* de ser que havia aderido para si, Lygia se recusou a modificar suas pernas, unhas e sobrancelhas, mas o cabelo ela aceitou mudar. “Por que não?” pensara Lygia na ocasião. “Porque não, porque eu não sabia na época o quanto meu cabelo é importante para afirmar minha cor de pele, para dizer quem eu sou, para me fortalecer na minha luta” Lygia se justificava num diálogo com uma outra Lygia que naquela época não havia sido tocada ainda pela ética e pela estética dos fios crespos. E Mali refletia, atenciosa, sobre o quanto as histórias dos cabelos de Lygia transitavam por diferentes *cronotopos* (BAKHTIN, 2014) ao longo de sua própria vida.

Assim, Lygia havia pego mais uma vez o caminho dos relaxantes para cabelos, por algum motivo seus fios haviam ficado lindos usando novos produtos, e ela repetiu as aplicações por mais algumas vezes. Porém, o relacionamento que assim como os fios, estava condicionado aos produtos químicos, também se desgastou com o tempo. Então, com o seu fim veio também o segundo grande corte de cabelo da sua vida.

Passados alguns anos, em 2005, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, à procura de novos ares para sua própria vida e em meio a tanta gente diferente, Lygia avistou uma mulher negra maravilhosa. Alta, olhos bem negros e com cabelos crespos ela palestrava sobre assuntos inteligentes e aquilo a tornava mais linda ainda.

“Eu quis ser como aquela mulher, eu precisava ser linda como ela!” lembrou Lygia.

Uma nova fase se iniciava em sua vida. Nem rebelde e nem *hippie*, mas em busca por compreensão de si, a partir do olhar para o outro. Começou a frequentar um grupo que lutava pela causa das ocupações urbanas, e a se tornar mais engajada com

questões éticas da vida a partir do diálogo com sujeitos também voltados para isso. Lygia tinha medo de ser julgada por não assumir totalmente seus fios crespos, por isso uma vez antes de se dirigir à uma reunião, cortou as últimas pontas com química que ainda restavam.

Ao chegar à reunião, ela contou, com os olhos brilhando, que teve sua atenção presa por um homem negro bonito de cabelos crespos penteados em *dreads*. Era seu futuro grande amor e agora atual marido, que também a inspirou e principalmente incentivou o uso dos crespos.

“O grupo foi fundamental para que minha percepção do cabelo e de mim mesma se tornasse estética e depois ética.”, continuava Lygia enquanto a UERJ escurecia e as luzes iam se acendendo aos poucos. Nos *encontros*, eles discutiam sobre estética, além disso, o diálogo com mulheres negras consideradas maravilhosas por ela fazia com que quisesse cada vez mais ser daquele jeito. Ly ainda não se via tão bela, não percebia que sua beleza estava na compreensão do seu corpo como elemento enunciativo estética e politicamente.

Com o tempo, começou a construir pontes de diálogo com o grupo *Denegrit*²⁵ através da participação ativa de sua cunhada no grupo. Lygia não frequentava as reuniões, mas através das conversas de corredor, das trocas de ideias nos bares, das indicações de leitura foi se conscientizando da questão étnico-racial no Brasil, que embora estivesse sempre presente em sua vida, somente naquelas trocas ela passou a compreender os porquês de tanta rejeição (dos outros e de si mesma), os porquês do “não gostar” dos seus cabelos, de ser xingada na rua, etc.

“E assim meu cabelo deixou de ser um problema.”, Lygia riu, e Malina que ainda estava vidrada no que ela contava demorou um tempo para processar a surpreendente lógica invertida da história dos cabelos de Lygia, que a própria havia desembaraçado entre memórias emocionadas e risadas de si mesma.

Malina desabafou num abraço apertado já na descida do elevador: “Lygia, maravilhoso! É só o que eu consigo te dizer agora! Muito obrigada.”, e encaminhou-se para estação de trem do Maracanã, onde voltaria para casa apertada no vagão feminino da locomoção do ramal Santa Cruz observando mulheres, cabelos, tons de voz, conversas, perfumes...

²⁵ Coletivo de Estudantes Negros da Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ

Enquanto olhava pela janela nas estações que passavam o dia escurecendo a medida que a noite ia chegando, e as pessoas indiferentes falando em seus telefones, comendo, rindo, ou simplesmente saindo dos seus trabalhos lembrava da sua mãe falando que não gostava de anoitecer na rua. “Não faz bem.”, repetia sempre Maria. O incômodo era fruto da relação que os mais antigos faziam entre a escuridão da noite e os perigos inevitáveis. Para eles, horário de chegar em casa era o que marcava no relógio ainda de dia, por volta das dezessete, dezoito horas no máximo.

Atualmente, há pessoas que neste mesmo horário ainda estão iniciando mais uma jornada de trabalho. A verdade é que as práticas, as crenças e as pessoas mudam conforme o tempo muda, conforme o espaço muda. E esse raciocínio se aplicava à linda história que tinha acabado de ouvir.

A história da Lygia era marcada por tempos e lugares que muitas vezes determinaram os rumos dos seus cabelos. Cortar toda parte do cabelo transformada por química deixando apenas a raiz crespa era atitude surreal no ano de 1999 em Barra Mansa, quando os salões se recusavam a fazer esse tipo de prática e as pessoas desconfiavam de gente assim. Hoje em dia, em muitos lugares essa prática é vista pelas mulheres negras com louvor a uma demonstração de bravura e coragem, tanto que estas mesmas mulheres produziram na linguagem um signo para reforçar essa ideologia, o *big chop*. Lygia encarou essa diferença de *cronotopos* sozinha, sempre meteu as caras não importasse o motivo que a levasse a isso.

Além dessa marca presentes nos cortes que fez no cabelo no decorrer do tempo, Lygia havia dito uma frase importantíssima. Disse que não era preciso ser uma especialista para saber que algo estava se acontecendo com relação ao lugar do cabelo crespo na sociedade, pois bastava apenas usar o cabelo para perceber que não era mais xingada quanto antigamente, por exemplo. “As pessoas pararam de me xingar!” Lygia ria e constatava em tom de comemoração.

A verdade é que somos moldáveis ao tempo que estamos e ao espaço que ocupamos. A combinação desses dois pode alterar as pessoas que nos cercam, no trabalho, colegas de trabalho; em casa, a família; em reuniões alegres, os amigos; na rua, o mundo; enfim, pode alterar o nosso *auditório social* (BAKHTIN, 1992) e isso implica na orientação da nossa fala, nos penteados do nosso cabelo, em usar ele de um jeito ou de outro.

Tempo e espaço alteram a nossa fala e a nossa visão de mundo, alteram assim a fala das outras pessoas conosco e a maneira como nos veem.

A história de Lygia estava situada nos diferentes cronotopos do cabelo crespo: ignorado, discriminado, tolerado, enunciado. Enunciador.

REPERADOR DE PONTAS

7

Ao chegar a casa, jantou com muita fome e em silêncio. Zan perguntou se estava tudo bem ao achar a filha muito quieta. Estava tudo bem sim, mas naquele momento ela não poderia falar nada, pois sua cabeça estava ocupada demais enquanto ainda se sentia um mero espelho ali parado olhando a imensidão dos crespos que haviam sido despenteados e penteados na sua frente. Enquanto as vozes de Lorena, Ludmilla e Lygia conversavam dentro da sua cabeça, ela se perturbava sem saber como faria para escrever sobre aquilo tudo.

Durante as conversas algumas vezes se sentiu ignorante em um assunto que achava dominar. Dominava sim, só até enquanto deixou as outras lhe apontarem o tamanho da sua *incompletude*, ou seja, o que ela não sabia e até mesmo o que ela sabia sem saber que sabia.

Também se sentiu mais mulher, ao passo que ouvia das suas outras, ações cotidianas que ela praticava mecanicamente sem saber a importância para a vida das pessoas que a cercavam, inclusive suas três “entrevistadas”.

Viu-se mais negra porque sentiu nas memórias tão íntimas daquelas mulheres a identificação de quem encontra em um perfume aquele cheiro que faz lembrar um tempo marcado na alma.

No fim estava ainda mais sensível.

Ter sensibilidade e *amorosidade* (BAKHTIN, 2010) consigo e com seu trabalho foi o melhor caminho que havia tomado até aquele momento. Sabia que tinha cometido erros; que precisaria abandonar escolhas trocando-as por outras; que respeitosamente deveria devolver o acabamento à Lorena, Lud e Lygia provocando-as inevitavelmente alteridade na vida; que não poderia se livrar da sua própria bagagem ao produzir esse olhar de volta e, que isso tudo significava responder com toda sua vida e assinatura ao mundo que lhe cercava. Responder na estética e na ética. *Na arte, na vida e na ciência*. (BAKHTIN, 2003).

Como fazer isso?

Escreveu um email para Tom e ele não lhe respondeu. Durante três dias ouviu pausadamente as conversas que havia gravado no seu celular. Sentava para escrever,

mas não tinha coragem de dizer ainda uma palavra sobre tudo que ouvira. Tinha medo de não ser fiel ao encontro de vozes que estavam dentro dela.

Na sexta, quase no final da tarde, o carteiro chamou no portão pelo nome de Malina, e como não estava esperando nenhuma encomenda achou que poderia ter ouvido errado, mas os cachorros latiram o que dava a certeza que tinha alguém no portão.

“Pois não?” respondeu da janela e depois foi até a entrada da casa. Era uma encomenda em seu nome, um pacote retangular médio envolvido com papel Kraft. Achou estranho porque não tinha comprado nada, e também não era seu aniversário. Mas mesmo assim recebeu e entrou.

Sentada na sala, desembrulhou rápido. Estava muito curiosa.

Era um livro.

Tom havia lhe enviado um livro. “Americanah” de Chimamanda Adichie, tinha um delicioso cheiro de livro novo, e dentro à lápis tinha uma dedicatória feita com a velha letra rabiscada que ela já conhecia. Dizia:

“Confio em você.

Escreva.

bjs”

Em menos de uma semana devorou o livro tendo a cada página a mesma sensação que tinha quando, durante as entrevistas, ouvia as palavras ditas pelas três amigas. Estava ali, estava tudo ali.

Na Nigéria, nos Estados Unidos, no Brasil, em Bangu, na capoeira, na amizade, na universidade, nas vozes das mulheres. Todos os saberes que precisava provar que existiam dentro daqueles cabelos estavam nas vozes das suas donas e no eco que essas vozes ganhavam toda vez que o seus cabelos chegavam a algum lugar. Os saberes transitavam toda vez que mulheres negras se encontravam, toda vez que fotos de cabelos eram postados, toda vez que alguém praticava racismo, toda vez que havia resposta para esse racismo. Estava nas receitas de cuidados para os fios, nas memórias de infância, nas tranças, nas mesmas histórias diferentes, estaria também no seu trabalho.

Assim, após embrenhar-se na vida, na arte e na ciência, sabia que deveria ser assim a maneira de contar ao mundo sobre o que descobriu. Decidiu então não apenas transcrever as vozes dessas mulheres, mas, sobretudo o emaranhado de ecos que tinha guardado daquelas histórias no seu cabelo crespo para o alto.

Sentou em frente ao computador, começou a contar. Colocou em negrito aquilo que achava importante que as pessoas entendidas ou não do assunto prestassem atenção. Depois abriu mão daquele artifício, porque não precisava mais deles. Sabia que estava tudo ali. Nas histórias cotidianas da vida, recheadas de encontros, diálogos, embates e afetividades, pensava Mali consigo mesma: “sempre esteve tudo ali”.

COMO ESSA DISSERTAÇÃO FOI ESCRITA

8

Essa dissertação foi escrita com escuta, amor e descoberta.

No ano de 2014 ingressei no mestrado em educação pelo PPGEDUC com um projeto de pesquisa destinado a observar práticas culturais da *afrodiáspora* que transitassem dentro e fora dos ambientes escolares. A intenção era descobrir como sujeitos negros uma vez que praticantes do cotidiano, tinham interesse em negociar a entrada dos seus saberes na escola e se sim, como o faziam. Eu supunha que essas práticas seriam materializadas na manifestação da dança, da música, da religiosidade enfim das vozes desses sujeitos.

Para falar a verdade, eu era mais uma sonhadora recém-ingressada na pós-graduação que não tinha a mínima noção do tempo que teria para produzir, dos diálogos que iria encontrar naquele espaço e, principalmente, eu não tinha noção de que para fazer pesquisa em ciências humanas é preciso estar atento aos sujeitos do mundo que nos cerca, inclusive atentos a nós mesmos.

Precisei ir descobrindo isso aos poucos, nas aulas, nos encontros com o grupo e, sobretudo nas inúmeras vezes que me via obrigada a explicar, ou defender a metodologia, os referenciais, o campo, ou seja, o projeto. Na maioria das vezes eu não tinha resposta para todas as interpelações que me eram feitas, e assim me via obrigada a pensar, repensar, aceitar que talvez não estivesse tão convicta do que eu queria o quanto achava que estava, apesar de e com toda minha teimosia.

O problema era que sem o projeto que eu já tinha, o que então eu iria pesquisar?

Precisei optar por ter paciência comigo e com o mundo. Estudar, ler Bakhtin, ouvir o Beto, ficar um tempo sem escrever definitivamente nada, ainda que isso me fizesse sentir incapaz. O ritmo de produção que nos é imposto quando estamos em um programa de pesquisa nos torna pessoas alucinadas por fazer artigos, resenhas, capítulos de livro, pôsters, comunicações... Precisamos estar com Lattes sempre ativo, superado por nós mesmos. Caso não nos cuidemos, é capaz de nos tornarmos máquinas, máquinas de produção intelectual sobre um “objeto” que se modifica a todo momento e por isso é livre (ser humano). Isto é impossível.

Em Bakhtin é possível compreendermos esta impossibilidade mecânica na pesquisa em ciências humanas. De maneira geral, e resumida sobre tudo que foi escrito neste trabalho, pesquisar com pessoas é saber ouvir, amar e descobrir.

O exercício da escuta corresponde a compreensão do outro, e de nós mesmos como sujeitos ativos, livres e falantes. Se fala, existe. Se é livre, negocia. Se é ativo, tem “culpa” no mundo. Assim, procurei me perceber na vida, refletindo sobre o que me tocava, as respostas que dava, para que lado eu optava por caminhar. Com isso, surgiram os primeiros indícios sobre o que o mundo gostaria de ouvir de mim, ou, para não ser pretenciosa, sobre o que ele me obrigava a respondê-lo.

Fiz o mesmo esforço com as pessoas que me cercavam, tentando perceber quem eram elas, o que me chamava a atenção, quais trocas poderíamos fazer, e o quanto elas me enriqueciam ou não durante os diálogos que aconteciam.

Percebi-me presente em vários grupos no *facebook* que falavam sobre cabelos crespos; descobri que ultimamente só o que me chamava a atenção era a beleza e os debates nas ruas, nas fotos, na televisão, nos vídeos da internet que envolviam estes mesmos cabelos; me vi cada vez mais cercada de parceiras que optavam como eu por um cabelo livre de química, mais enunciativo, pronto para “brigar” com o racismo (o público praticado cotidianamente, ou aquele íntimo que marcava as memórias); e quando dei por mim já estava emaranhada nos cabelos crespos, suas histórias, seus saberes, seu significado, sua voz.

Tinha encontrado sobre o que me debruçaria a pesquisar: mulheres negras (como eu) e seus cabelos crespos.

Depois, o outro desafio foi entender de que maneira eu faria isso uma vez que os manuais de pesquisa apenas nos oferecem alternativas que exigem afastamento e frieza epistemológica. Observar, analisar dados, entrevistar... Como eu poderia lançar mão destes métodos se a prática que eu já estava mergulhada não cabia em nenhum deles?

É preciso dizer, não cabia em nenhum deles porque cabia em todos se fossem usados ao mesmo tempo. Agir com toda nossa vida, é o que diz Bakhtin. Agir na vida, na ciência e na arte. Observar, analisar dados, dialogar, anotar dentre outros, era o que eu já fazia enquanto também praticava e me envolvia com o tema.

Bastava então apenas um passo, e ele era amar. Amar, é ato de *amorosidade* em Bakhtin (2010), significa agir com responsabilidade e responsividade diante dos *encontros* e diálogos que a vida nos coloca.

Responsabilidade é assumir que o que você fala ou faz altera o outro, que em rede, altera outro outro, e assim altera o mundo. É perceber que apenas eu posso falar por mim, que a palavra que sai da minha boca embora habitada por tantas vozes, ela é minha, e aquela que sai da boca do outro, é dele. Então, cada um tem seu lugar único e insubstituível, importante no mundo. Quando aprendi isso, vi que devo repetido ao outro, porque a palavra dele pode alterar à mim e à humanidade, e a minha também.

Responsividade é ser corajoso diante do mundo que nos bate a porta, não importa o racismo, o sexismo, a xenofobia, homofobia, gordofobia. Todos eles merecem resposta. Perceber isso é entender que alguém vai sempre esperar a nossa fala, o nosso posicionamento a nossa resposta, assim como nós suplicamos para que nos falem, nos respondam, nos escrevam, nos fotografem, lembrem de nós e nos concedam vida. Responder é dar vida na ciência àquilo que se vê na vida.

Se eu não respondesse com responsabilidade às mulheres negras e seus cabelos crespos, me incluindo sempre nesse grupo, estaria falhando covardemente ao que me propus quando decidi ser pesquisadora em educação.

Educar é alterar, é dizer o que falta no outro, e se descobrir completamente incompleto.

Por último, porém não menos importante, esta pesquisa foi desembaraçada com doses extras de descoberta.

Um dia, quando cheguei para a orientação coletiva que fazíamos Beto, eu, Pricilla e Nolasco, descobrimos os três que Beto gostaria que escrevêssemos histórias. Que brincássemos de sermos autores e nos aventurássemos a fazer romances, crônicas, contos, cordel, qualquer escrita livre de amarras e receitas que rompesse o tédio e a previsibilidade que as pesquisas acadêmicas tinham se tornado. Mas como faríamos isso? Era uma loucura.

Beto nos pediu para ler Dostoievski e tenho certeza que alguém seguiu a recomendação. Eu ganhei um livro (Americanah) que foi a inspiração para o trabalho. Depois eu precisei me lembrar das aulas de redação que eu tinha ainda na educação básica, e o quando era gostoso inventar história. A diferença é que mente de criança é fértil para isso, mente de adulto precisa de estímulo.

Uma vez, Ferreira Gullar disse que seu moinho para escrita é o espanto, que é preciso que a vida o espante para ele escrever alguma coisa. Ele pode até fazer algum trabalho por encomenda (como numa comparação ousada eu também tive que fazer substituindo encomenda por compromisso com o Lattes), mas para sair com amor mesmo, tinha que ter o espanto.

No meu caso, não sei ainda o que eu tive que ter para escrever sobre Malina, Tom, Maria, Zan, Ambye. Fico com a descoberta em brincar com ideias, com a imaginação, com o desejo de que as coisas fossem/sejam diferentes...

No caso de Ludmilla, Lorena e Lygia (pessoas reais que por respeito e por compromisso fiz questão de manter seus nomes), mimetizo Manoel de Barros: “Noventa por cento do que eu escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

_____. (2008). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2008, (coleção para um novo senso comum; v.4)

ADICHIE, Ngozi C. Americanah. São Paulo: Companhia das Letras 2014.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética (A teoria do romance). Trad. Aurora Fornoni Bernardini e outros. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010,

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIOUF, Sylviane. As tranças de Bitou. São Paulo, Cosac Naify, 2004.

Elza Soares e Emicida - Nega do Cabelo Duro – Compositor: David Nasser

FACINA, Adriana. Sobre perfumes e essências: o lugar da cultura na história. Disponível em https://www.academia.edu/5280705/Sobre_perfumes_e_ess%C3%Aancias_o_lugar_da_Cultura_na_Hist%C3%B3ria . Acesso Novembro 2015.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.

GINZBURG, Carlo: O Queijo e os Vermes; o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GLOBO NEWS. Dossiê Globo News: A Poesia de Ferreira Gullar. Disponível em: <http://globosatplay.globo.com/globonews/v/3629070/>. Acesso em Janeiro de 2015.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Local: Civilização Brasileira, 1968.

<https://www.youtube.com/watch?v=pdWWLJGyBOK>

MACEDO, H. Partes de África. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Perfume a história de um assassino. FRA/ESP/DEU Tom Tykwer/ 2007. Fonte do filme: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-55603/>

PONZIO, A. A Revolução Bakhtiniana. Trad. Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

Revista Bakhtiniana janeiro/junho de 2013 vol. 8, nº - 1, O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana artigo de Ângela Rubel Fanini URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/12879/11689> . Acesso em Maio de 2015. Reflexões acerca do romance e sua dimensão ética e política na obra de Bakhtin.

Revista Educar em Revista janeiro/março de 2014 - nº 51, Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação artigo de Mailsa Pinto Passos URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/33398/22082> Acesso 20 Junho de 2015. Reflexão sobre a metodologia do encontro na pesquisa em Ciências Humanas.

Revista Teias maio/agosto de 2013- nº 31, Questões bakhtinianas para uma heterociência humana artigo de Marisol Barenco Mello e Valdemir MIOTELLO URL: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1489/1095> Acesso Novembro de 2015. Reflexões a cerca do diálogo bakhtiniano e a pesquisa em ciências humanas

SAID, Edward W. Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, B. S., (2010). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: MENEZES, M. P.; SANTOS, B. S.(org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010 p. 31-83.

Só dez por cento é mentira. Direção Pedro Cezar/2008. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>

Vídeo: **“Os perigos de uma história única”- Chimamanda Adichie** - Programas do TED – *Ideas Worth Spreading* - veiculado pela Rede mundial de computadores.
http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html - Acesso em 2011

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. O discurso na vida e o discurso na arte. Sobre poética sociológica. Trad. do inglês: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos.

ANEXO I

Perguntas frequentes (fonte: Grupo Cacheadas em Transição)

O que é BC?

BC é a sigla de Big Chop, que em português significa Grande Corte, é quando você corta toda a parte alisada do cabelo de uma só vez, colocando fim a sua transição.

Quanto tempo dura a transição?

A transição dura por tempo indeterminado, variando de pessoa para pessoa. Tem meninas que cortam o cabelo logo que decidem parar de usar química, com 1 ou 2 meses de transição, outras ficam até mais de 2 anos com as duas texturas sem fazer o Grande Corte para tirar as pontas alisadas.

O que é o cronograma?

Consiste em saber dividir as máscaras de acordo com cada etapa, Hidratação, Nutrição e Reconstrução, a partir da divisão você vai adaptar o seu cronograma de acordo com o que seu cabelo precisa mais e de acordo com quantas vezes você lava o cabelo por semana, por exemplo, suponhamos que você lave seu cabelo 2 vezes na semana, você pode fazer uma Hidratação e uma Nutrição a cada semana, sendo que na última semana do mês você pode fazer uma nutrição e uma reconstrução. O cronograma é adaptável, cada pessoa monta o seu.

Como dividir os cremes para fazer o cronograma?

Os cremes de hidratação são aqueles que contêm produtos da natureza, como baboça, abacate, frutas em geral, os de nutrição possuem óleos e manteigas em maior concentração que os de hidratação e os de reconstrução possuem queratina, kinoa, colágeno, arginina.

O que é Monovin A?

É um produto DE USO VETERINÁRIO que algumas pessoas usam no intuito de auxiliar no crescimento dos cabelos.

O que é Beleza Natural?

É um salão procurado por quem tem cabelos cacheados, tem produtos de fabricação própria e utiliza químicas transformadoras para relaxamento, também de fabricação própria.

O que é Super Relaxante?

É uma química utilizada no Salão Beleza Natural.

Posso falar do Beleza Natural no grupo?

Pode indicar o salão para corte, escova, unhas, sobrancelhas, dar referencias do salão, mas não pode indicar o Super Relaxante nem fazer apologia ao uso de químicas.

O que é umectação?

É um tratamento pré-shampoo que deve ser feito com óleo vegetal, você irá aplicar o óleo vegetal no cabelo afim de que quando lavar o cabelo, o shampoo não retire toda a oleosidade do cabelo deixando-o ressecado. A umectação pode ser feita de um dia pro outro, aplicando o óleo nos fios antes de dormir e retirando no dia seguinte ou cerca de 40 min antes de lavar os cabelos. Deve ser feita no cabelo antes do shampoo, umectação não é o mesmo que uma hidratação, ela serve para proteger o cabelo das agressões do shampoo.

Quais óleos podem ser usados para umectação?

Todos os óleos, desde que sejam vegetais, óleos minerais não podem ser utilizados para umectação.

O que é fitagem?

É uma técnica de texturização, que ajuda a definir os cachos. Pode ser feita por quem está em transição ou por quem já está com o cabelo natural, o resultado varia de cabelo para cabelo. Pode ser feita com os dedos ou com uma escova oval de cerdas firmes.

O que é now poo? E low poo?

No poo significa sem shampoo e Low poo significa pouco shampoo (utilizando shampoo sem sulfato). No No poo vc para de fazer uso de shampoo, porém para isso não pode mais fazer uso de produtos que contenham silicones insolúveis em agua, pois apenas o shampoo retira esses silicones. Já o low poo vc utiliza shampoo sem sulfato para retirar os silicones insolúveis. Em ambas as rotinas devem ser abolidos produtos que contenham óleo mineral, petrolato ou parafina liquida. Qualquer uma das rotinas pode ser feita por quem está em transição ou não.

ANEXO II

Dicionário (fonte: Grupo Cacheadas em Transição)

Abacaxi = Aaaah um pequeno truque para acordar com os cachos quase intactos, é jogar seus cachos todo para frente ou para o alto da cabeça e prender sem apertar, fica parecendo mesmo um abacaxi, aqui um vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=oVC9mxLcYA>)

Bepantol = Encontra-se em pomada ou líquido, muito usado pelas mães para assaduras de seus babies ou por quem faz tatuagens. O Bepantol possui na sua composição Dexpantenol, que é vitamina B5, responsável por estimular a cicatrização, a Lucy conta algumas maneiras de usar (<http://www.produtinhosnocabelo.com.br/2012/03/bepantol-derma-solucao-ou-creme-avaliar.html>)

BC (big chop) = Em português quer dizer Grande corte, muitas das técnicas que conhecemos hoje, veio por meio de americanas. Um corte onde vc tira de uma só vez toda a parte lisa. Na maioria das vezes vc tem pouco cachos naturais, muitas realizam o corte joãozinho.

Co - Wash = Lavar os cabelos com condicionador, é mais para cabelos secos ou para quem pratica o No poo.

Corte químico = Quando o cabelo se parte, logo na raiz ou no comprimento, devido o uso de produtos químicos.

Coquezinho/coquinho ou Bantu = São coques pequenos! Quando vc tem duas texturas, cabelo natural e ainda partes lisas e para igualar, com os cabelos úmidos vc divide os cabelos em mechas finas e faz pequenos coques em toda a cabeça, quando seca e vc solta, vc tem cachos. Serve pra texturizar. Aqui tem (http://www.youtube.com/watch?v=uzWEHsKGYMk&feature=player_embedded)

Cronograma Capilar = Separar máscaras por fase hidratar, nutrir e reconstruir, cada uma tem o momento certo de usar, pois uma fase depende da outra. Faz muita diferença nos fios. (<https://www.facebook.com/groups/487145284650001/doc/496029250428271/>)

Day after = Dia depois, dia posterior a lavagem, por exemplo você lavou hoje hidratou, finalizou e confere o resultado no dia seguinte. (<http://www.eusoucrespa.com.br/2012/02/ressuscitando-os-cachos.html>)

Difusor = Peça redonda que é acoplada ao secador encaixado na saída do ar, ajuda a definir os cachos ao mesmo tempo que seca. Olha aqui com Grasi (<http://lindasecacheadas.blogspot.com.br/2011/08/secando-o-cabelo-cacheado-com-difusor.html>) (lembrem que o secador deve ser usado na potência máxima de temperatura e na potência mínima de ar)

Emoliente = Produtos com óleos, manteigas vegetais, gorduras, produtos que ajudam a restaurar a oleosidade dos fios. (<http://www.cosmeticaemfoco.com.br/2009/04/emolientes-com-propriedades.html#axzz2DFGDh0XK>)

Enluvar = No momento da hidratação, divide os cabelos em mechas e todas as mechas e aplica se o creme e... Estou pensando como explicar kkkkk aaah já fizeram ou viram alguém fazer rapel? Então daquele jeito que segura na corda vc deve segurar na mecha, aperta a mecha na palma da mão da raiz e desliza até a ponta, com as duas mãos bem rápido várias vezes, pois nesse momento vc está fazendo o creme penetrar nos fios com o calor da suas mãos ain gente será que deu pra entender kkkkk? Oh veja este vídeo http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=bX8is9ESZHw)

Fitagem = técnica de finalização, pentear com os dedos, apertando entre os 4 dedos mechas fininhas da raiz e deslizando até as pontas. Solta e sacode um pouco. Serve para definir Aqui tem (http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=eCOynL-5ZdA)

Fronha / touca de cetim = Antigo truque, serve para dormir sem bagunçar muito os fios, diminui os frizz, por ser um tecido liso, escorregadio pois evita atrito dos fios com o tecido e evita a perda de oleosidade dos fios. Serve para quem faz escovas também. E nem precisa ser fronha, dá para comprar um pedaço de tecido ou lenço e envolver no travesseiro (<http://assuntosdemulheres.blogspot.com.br/search?q=cetim>)

Gel de aveia = Gel natural com poderes nutritivos e hidratantes, olha a receita aqui (<http://nanda-beleza.blogspot.com.br/2013/02/gel-de-aveia-para-os-cachos.html>)

Gel de linhaça = Gel natural hidratante, ajuda eliminar os frizz e define. Cozinhando as sementes, olha a receita aqui (<http://assuntosdemulheres.blogspot.com.br/2009/02/gel-de-linhaca.html>)

LN = Liga neutra, sim aquele pó que usa na mistura do sorvete, que quando vc dissolve uma colher em 100ml de água vc faz um gel muito bom, define, segura e diminui o frizz, só não serve pra usar direto ou, puro pois pode com o tempo ressecar. Usando direitinho é ótimo. Aqui no blog da Raquel (<http://abelezadamistura.blogspot.com.br/2012/10/produtos-coringas-2.html>)

Low poo / No poo = Técnica onde deixamos de usar produtos, que traga em sua composições sulfatos, silicones insolúveis e derivados de petróleo Lista dos ingredientes proibidos e produtos liberados (<https://docs.google.com/document/d/1To9XuxyxepheryvCpDS6EMiXVyNX1vx24eQNqBV7h3o/edit>) e aqui ótimas explicações (<http://ronaldocachos.blogspot.com.br/search/label/Low%2Fno%20poo>).

Plopping = Forma diferente de usar toalha ou camisa de algodão para secar e ao mesmo tempo definir os cabelos aqui (<http://www.cabeloscacheados.net/2008/04/plopping.html>)

Potencializar = Adicionar ampolas de tratamento, queratinas ou óleos vegetais em produtos que para você é fraco como um condicionador/ leave in aqui com óleo e hidratações com bepantol e aqui com ampola.

Ritual Devacurl = *Deva* são produtos orgânicos importados para cabelos cacheados, crespos e ondulados. Quando chegou ao Brasil, trouxe também *técnicas* de lavagem e finalização, todo um *ritual um passo a passo* mesmo, e que adaptadas ao Low No poo, ah Kah mostra aqui. (<http://acorda-bonita.blogspot.com.br/2012/05/ritual-devacurl-passo-passo-para-cachos.html>)

Shampoo bomba = Termo dado para todo shampoo normal potencializado com alguma coisa, o mais comum é o shampoo bomba para crescimento.

Transição = Quando vc está com os cabelos alisados ou relaxados e resolve deixar a química, aí passa por um grande processo de parar de usar a química e esperar crescer, aí vc passa um tempo com duas texturas de fios, a parte relaxada e o natural. (NÓS \o/)

Tipos de fios 2a/b/c - 3a/b/c - 4a/b/c = Classificação dos cachos que vai dos mais abertos aos mais fechadinhos, essa classificação ajuda muito na hora d e você comprar produtos, e fazer tratamentos. (<http://www.eusoucrespa.com.br/2012/04/tipos-de-cabelos.html>)

Twist - out ou torção = Técnica de torção de mechas com cremes ou óleos vegetais em cabelos úmidos para mudança de textura dos fios. Nada mais que um trança com duas pernas. Veja aqui com a Rosa (<http://negrarosarosanegra.blogspot.com.br/2012/02/ola-pessoas-ontem-noite-eu-fiz-um-twist.html>) e aqui com Claudia (<http://www.eusoucrespa.com.br/2012/07/ajudinha-na-transicao-torca.html>)

Umectação = Selar os fios com óleos vegetais , pode ser com o cabelo sujo, uma hora antes de lavar, antes de dormir, e assim tirar pela manhã, com os cabelos lavados apenas com shampoo, vc aplica o óleo deixa um tempo e depois por cima aplica o creme de hidratação. Para cabelos secos, ressecados, com frizz. Aqui e aqui. Fonte: <http://assuntosdemulheres.blogspot.com.br/2012/10/dicionario-capilar-cachos.html> (com adaptações)

Scab hair = É aquele primeiro cabelo, mais rígido, áspero e seco, que cresce logo após interrompermos o uso de relaxamentos e alisamentos. Ele é um cabelo que vem justamente naquele período em que o couro cabeludo está se reajustando e se recuperando dos procedimentos químicos que costumávamos fazer. Fonte: <http://ameseucrespo.blogspot.com.br/2013/12/scab-hair-o-estranho-cabelo-pos-big-chop.html>

ANEXO III

Tipos de cabelos (fonte: <http://meucrespo.com.br/tipos-de-cabelo-crespo/>)

2 – Os cabelos classificados dessa forma são os ondulados. Dentro dessa categoria, existem mais três subdivisões:

- 2A – São os fios que apresentam ondas bem abertas. São quase lisos, mas costumam ter as pontas mais ressecadas e apresentam um pouco de volume.
- 2B – Também são ondulados, porém exibem curvas um pouco mais acentuadas que os 2A. Eles não chegam a formar cachos, mas já têm mais volume.
- 2C – Apresenta ondas ainda mais acentuadas e volumosas. Esse é o tipo de cabelo com mechas que quase formam cachos.

3 – A textura dos cabelos que se enquadra na classificação já formam cachos bastante definidos. A abertura e o tamanho dos anéis podem ser divididas entre mais três subdivisões.

- 3A – Exibe cachos maiores, em um formato de espiral mais aberto. A presença do incômodo frizz costuma ser uma das desvantagens.
- 3B – Os cachos diminuem de largura e se apresentam mais grudados uns nos outros do que os das madeixas do tipo 3A. O volume do cabelo também chama mais atenção.
- 3C – Nessa divisão, os cachos aparecem bem formados e definidos. E se apresentam pequeninos e mais próximos uns aos outros. Os fios formam pequenas molas e também costumam ser mais espessos que os do tipo 3B.

4 – Essa categoria inclui os fios bem mais crespos, em estilo afro. Tem uma forte tendência ao ressecamento e sofrem rapidamente o efeito negativo do excesso do calor de aparelhos como secadores e chapinhas.

- 4A – O aspecto do cacho é bem pequenino. Se for penteado, perde a forma e o ganha volume sem definição. Um exemplo belíssimo do tipo de cabelo crespo 4A é o cabelo da atriz Sheron Menezes.
- 4B – É bem parecido com o crespo 4A, mas nessa divisão os cachos são ainda menores. De tão pequenas, as voltas dos espirais – formato típico dos fios crespos -, parecem inseparáveis.
- 4C – Os cachos desse tipo de cabelo crespo são quase imperceptíveis. Aqui, o cabelo cresce todo para cima, ganhando bastante volume. Bem secos por natureza, ficam bem bonitos em penteados no estiloblack power.